

**CLIPPING**  
**9º VIDEOBRASIL, 1992**

[principais reportagens]

# Techno/Dumb/Show, Parabolic People, Espírito da TV e Motocontinuo são atrações da Mostra de Vídeo de Sto. André

## Melhores do VideoBrasil encerram mostra

MARCELLO MATIAS  
Da Redação

A 10ª Edição da Mostra de Vídeo de Santo André termina hoje com a exibição dos quatro vídeos premiados na mostra competitiva do Videobrasil, principal evento latino-americano de vídeo, que reuniu no mês passado em São Paulo o melhor da produção nacional e destaques internacionais. *Techno/Dumb/Show*, do australiano John Gillis, *Parabolic People*, da brasileira Sandra Kogut, além do nacional *O Espírito da TV*, de Vincent Carli, e *Motocontinuo*, de João Quintino, serão apresentados hoje no Cine-Vídeo do Teatro Municipal, a partir das 19h, com entrada franca.

O destaque da programação é o vencedor do Videobrasil, *Techno/Dumb/Show*, uma festiva mostra de grilos, nascida da colaboração entre o músico e videomaker australiano John Gillis e o aliado grupo australiano Sidney Frost. Com referências ao melodrama, cinema e pintura, o vídeo explora alguns experimentalismos dos modernistas do início do século. É o caso de uma de suas seqüências-chaves, na qual corpos masculinos e femininos se envolvem e fundem-se em imagens preto-e-branco, cena que lembra devaneios futuristas.

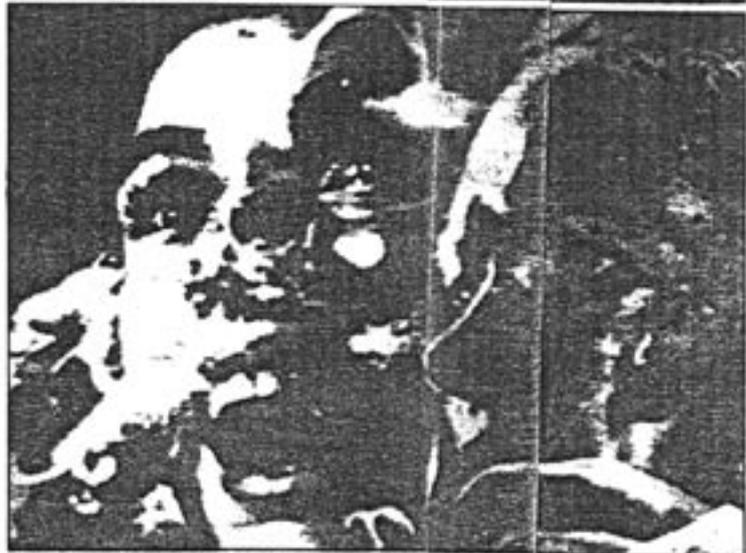
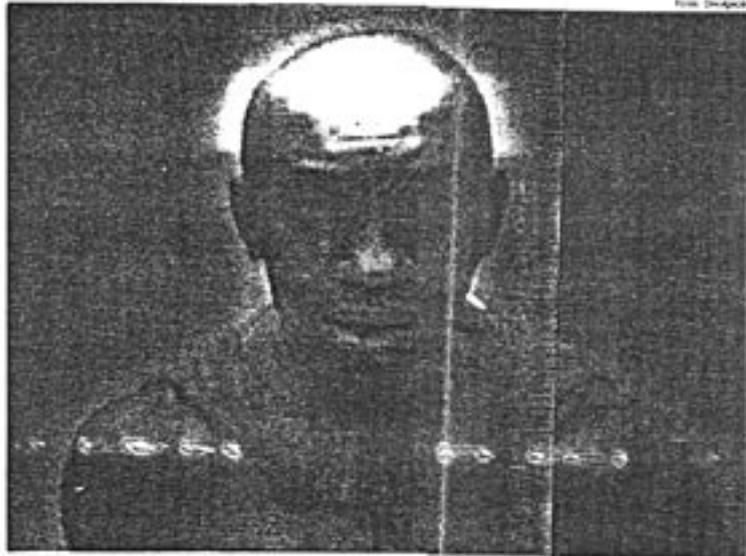
A principal discussão de *Techno/Dumb/Show* é a primária da narrativa nos vídeos. Através de interposições casuais de imagens e grilos, guiadas pelo mesmo, o trabalho debate a relação do vídeo com outros veículos, como, por exemplo,

a herança legada pelo cinema, que foi absorvida pelos produtores e diretores de vídeo em maiores reflexões. Os acores do Sidney Frost enquadram na exacerbação do grilo, enquanto uma trilha sonora marcada por buzinas de automóveis, sinos e pessoas rindo e aplaudindo completa o caso.

*Parabolic People*, segundo colocado na premiação, é um documentário de 33 minutos, produzido pelo Centro Internacional de Crédito Video Interbancário Belfort, baseado numa curiosa avaliação da reação das pessoas a uma câmera. Em seqüências de 30 segundos, pessoas de Paris, Moscou, Nova York, Tóquio, Rio de Janeiro e Dakar, apresentam-se sem legendas ou tradução. O resultado é um catadosepício de diferenças culturais.

Dois vídeos realizados no País completam a programação. *O Espírito da TV*, de Vincent Carli, foi produzido pela Central de Trabalho Indígena em 1:50. O vídeo é um documentário de 18 minutos sobre a reação de um grupo indígena diante da própria imagem e da de outros grupos num aparelho de TV. *Motocontinuo*, vencedor do prêmio especial de melhor animação, é uma homenagem aos pioneiros do cinema, registrada na animação das imagens do pioneiro Edward Muybridge.

**MOSTRA DE VÍDEO DE SANTO ANDRÉ** - Exibição dos vídeos vencedores do Videobrasil 92. Auditório Municipal de Santo André - Praça 19ª de Abril, 2307 - Tel. 411-0388 - Horário: das 19h. Entrada franca.



Cenas de *Parabolic People* (alto), de Kogut, e *Techno/Dumb/Show*, de Gillis: experimentação

## Festival tem porte internacional

Da Redação

A nona edição do Videobrasil, realizada entre os dias 21 e 23 de setembro, no SESC Pompéia, em São Paulo, reuniu em sua mostra competitiva 45 vídeos, que foram selecionados entre 264 inscritos. O júri da mostra foi composto pelo norte-americano Juliana Temple, o brasileiro Marcelo Damas, o espanhol José Ramón Ferrer Otero, o australiano Peter Callan e o francês Jerome Lédig. Os vencedores do Festival representam uma representativa amostragem da qualidade das atuais produções de vídeo.

Os três primeiros colocados receberam um prêmio de Cr\$ 50 milhões. Essa foi a mais grandiosa versão do

evento. Consumiu cerca de US\$ 1,5 milhão dos organizadores e contou com 32 convidados internacionais. A repercussão do festival o coloca como candidato a principal evento do gênero no hemisfério sul.

Além da mostra competitiva, a estrutura básica do Videobrasil abrigou três programas paralelos: Homenagens, Imagens do Futuro e Proposta do Juri. As Homenagens trouxeram uma retrospectiva dos autores Bill Viola, Gianni Toni, Jean Paul Fargier e Moyata Bayamón. O programa Imagens do Futuro foi um dos mais importantes, em função da exibição de novas tecnologias e pelo panorama que ofereceu da computação artística internacional (CAI).

# Videobrasil debate censura na televisão

O diretor Nelson Hoineff disse que o SBT sofreu pressões do governo para não exibir 'O País da Impunidade'

## Australianos vencem festival

Da Reportagem Local

Terminou ontem o 9º Festival Internacional Videobrasil, que começou no dia 21. O primeiro lugar, com prêmio de Cr\$ 25 milhões, ficou para "Techno/Dumb/Show" de John Gilles e The Sidney Front. O trabalho concorreu na categoria videocine. É australiano e tem 20min 35s de duração.

A videomaker brasileira Sandra Kogut ficou com o segundo lugar por "Parabolic People", um documentário de 41 minutos.

Sandra Kogut recebeu da organização do festival Cr\$ 15

milhões pelo segundo lugar.

"O Espírito da TV" (brasileiro, documentário, 18 minutos) de Vincent Carelli, ficou em terceiro lugar e conquistou um prêmio de Cr\$ 10 milhões.

O prêmio de animação, que garante ao vencedor uma viagem a Paris e ainda estígio na escola Es Machina, saiu para o filme "Motocontínuo" de João Quintino (brasileiro, animação, três minutos).

O videomaker mineiro Éder Santos ganhou o Prêmio Especial do Juri. Santos apresentou no festival a instalação inovadora "O Deserto em Minha Mente".



O diretor do Documento Especial, Nelson Hoineff

Da Reportagem Local

Por pressões do governo federal, o SBT deixou de exibir no último dia 3 o programa "Documento Especial", que tinha como tema "O País da Impunidade". A afirmação é de Nelson Hoineff, diretor do programa. O jornalista abordou o assunto sábado de manhã, durante debate sobre televisão no Sesc Pompéia, zona oeste de São Paulo.

Com cerca de 40 espectadores, a discussão fazia parte do 9º Festival Internacional Videobrasil, que terminou ontem. A TV Anhembis gravou todo o debate.

"O País da Impunidade" marcara a estreia do "Documento Especial" no SBT. O quarto e último bloco do programa falava sobre a CPI do caso PC.

Hoineff afirmou que, na sexta-feira, dia 17, enquanto cobria o trabalho, recebeu um chamado de Luciano Callegari, diretor-superintendente do SBT. "Qual a sua notícia que eu poderia ter daí?", perguntou Callegari quando o jornalista entrou na sala. Em seguida, disse: "A gente está com uma restrição de falar sobre o Collor".

Segundo Hoineff, Callegari explicou que "naquela momento havia uma pressão muito grande do governo em cima do SBT" e indagou se existia "alguma hipótese de anunciar o programa". Hoineff respondeu que não. Os dois resolveram, então, que o melhor era não exibir o programa.

Luciano Callegari nega que o SBT tenha sofrido pressões para não levar o programa ao ar.

(Armando Antunari)

## TV Cultura corta noticiário

Da Reportagem Local

A TV Cultura, de São Paulo, cortou na sexta-feira três minutos do "Videojornal", boletim diário com notícias do 9º Festival Internacional Videobrasil. Ontem e sábado, a emissora deixou de exibir o programa. A produtora carioca Magnetoscópio fez o "Videojornal" entre os dias 21 e 27, durante o festival.

"Em agosto, fechamos um acordo com a TV Cultura: poderíamos o programa de graça e a emissora o exibiria diariamente, à 0h", diz Marcello Dantas, diretor da Magnetoscópio. "Pelo acordo, a Cultura transmitiria cada boletim na íntegra".

Sexta-feira, dois trechos do programa foram cortados. Um mostrava a performance crítica "Santa Clara Poltergeist", que os artistas Paulo Pires, Luiz Zerbini e Barão apresentaram quinta à noite no Sesc Pompéia. O outro trazia um protesto do apresentador

Carlos Moreno. Ele lembrou que a Secretaria Estadual de Cultura liberara uma verba para o festival, mas que o dinheiro ainda não apareceu.

Roberto Maylaert, o presidente da Fundação Padre Anchieta, que administra a TV Cultura, soube dos cortes sábado de manhã, durante o debate sobre televisão no Sesc Pompéia. Ele disse que o responsável pelos cortes era "um funcionário de quarto escalão querendo saber para o terceiro" e que a emissora exibiria à noite o programa de sábado e o de sexta-feira, desta vez na íntegra. A Magnetoscópio rendeu, então, o boletim que sofreu os cortes. Carlos Moreno gravou outra apresentação —contado toda a história da "censura", inclusive a referência ao funcionário.

"Foi uma molecagem", diz Maylaert. "Por isso, determinei que nenhum dos dois programas entrasse no ar, e suspendi o de domingo".

# AUSTRÁLIA VENCE O VIDEOBRASIL

Techno/Dumb/Show, vídeo teatral de John Gilles, levou o troféu de cristal e Cr\$ 25 milhões.

Foi encerrado ontem à noite, no auditório do Sesc Pompéia, o IX Festival Internacional Videobrasil. O primeiro prêmio, de Cr\$ 25 milhões e mais um troféu (uma escultura em cristal), ficou para a produção australiana Techno/Dumb/Show, do videomaker John Gilles e do grupo musical The Sidney Front. O vídeo é o registro de uma performance teatral.

O segundo colocado foi o

trabalho da carioca Sandra Kogut, Parabolic People, com depoimentos de pessoas em cabines espalhadas em cinco cidades do mundo (Rio, Paris, Nova York, Moscou, Tóquio e Dacar), e receberá um prêmio de Cr\$ 15 milhões. O terceiro melhor vídeo (que recebe Cr\$ 10 milhões) foi O Espírito da TV, do paulista Vincent Carelli, documentário sobre as reações de índios diante de sua própria imagem na tevê.

O júri, formado pelo cineasta Julien Temple (EUA), o francês Jérôme Lefdup, o espanhol José Ramon Perez Ornia (autor da série A Arte do Vídeo, exibida na semana passada pela TV Cultura), Marcello Dantas (proprietário da sala Magnetoscópio, no Rio) e o americano Peter Callas concedeu o prêmio Futuris, para trabalhos de animação, ao vídeo Motocontinuo, de João Quintino, com imagens dos

primórdios do cinema.

Este prêmio, oferecido pela Aliança Francesa e pelo Banco Sogeral, consiste numa viagem à França e estágio na Ex-Machina, laboratório de pesquisa de imagens de animação. Os jurados concederam ainda um prêmio especial à instalação O Deserto da Minha Mente, de Éder Santos. A TV Cultura exibe os premiados no programa Lanterna Mágica, hoje às 0h12.



Juan Estrova/Folha Imagem

O realizador de vídeos Bill Viola, ontem, na área de convivência do Sesc Fábrica Pompéia

## Videomaker norte-americano Bill Viola defende vídeo 'despojado'

ANTONIO GONÇALVES FILHO

Da Reportagem Local

**BILL VIOLA NO 9º FESTIVAL INTERNACIONAL VIDEOBRASIL** - Amanhã, às 11h, palestra do realizador sobre suas instalações. Hoje, às 16h50, Bill Viola apresenta seu vídeo "The Passing" no mesmo local, teatro do Sesc Fábrica Pompéia (r. Clélia, 93, tel. 011/854-9544, Pompéia, zona oeste de São Paulo). Entrada franca.

Bill Viola, 41, o mais conceituado realizador de vídeos dos EUA, chegou ontem a São Paulo para participar, como homenageado, do 9º Festival Internacional Videobrasil, que termina amanhã. Viola vai mostrar, entre outros trabalhos, o recente "The Passing" (1991), do qual foi extraída a idéia básica do vídeo "The Arc of Ascent", apresentado este ano na 9ª Documenta de Kassel (Alemanha).

Nascido em Nova York, Viola já viajou por todos os continentes, sempre trabalhando com mitos de diferentes culturas. Nessa retros-



pectiva do Videobrasil, por exemplo, há vídeos gravados no deserto da Tunísia ("Chott-El-Djerid") e no Japão ("Hatsu-Yume"). São trabalhos que discutem a relação do homem com o meio ambiente, seus ritos e a permanente sensação de deslocamento do ser humano num mundo em que até os animais codificam suas experiências em linguagem, segundo Viola.

"Certa vez tive uma experiência inacreditável numa floresta. Um bicho se aproximou, olhou em meus olhos por dois minutos e fugiu. Estou certo que ele converteu esse episódio numa experiência narrativa, transmitida a outros animais", diz, comparando esse contato a uma estadia no deserto, a mais radical experiência que um homem pode ter, segundo ele.

Místico, Viola acha que não se escapa nunca da narração, mesmo quando essa experiência de torna difícil de ser transmitida a outros. "É como estar diante de uma tela de Barnett Newman, a redução física mais radical. Você se sente insignificante. Não por outra razão, os místicos cristãos iam ao deserto para estar num território ao mesmo tempo infinito e reduzido fisicamente ao mínimo".

Há uma transferência estética

desse fenômeno para seus vídeos. Eles usam avançada tecnologia e apresentam resultados formais simples. Viola descobriu que a percepção é mais importante que o acúmulo de informações. "Quando morei na Itália, logo após terminar a faculdade, descobri que podia aprender a língua recorrendo a um estado pré-lógico e ouvindo o narrador interno que existe em nós. Funcionou".

O que importa para Viola não é tanto a conquista tecnológica, mas o uso que se faz dela. Frequentemente associado a místicos como San Juan de la Cruz, ele acha que está a serviço do vídeo, e não o contrário. "Sinceramente, não escolho temas, são os temas que me escolhem", diz, sorrindo.

"Não creio que minhas imagens sejam muito diferentes daquelas que se encontravam nas cavernas pré-históricas ou nos quadros de Cézanne. A diferença é que o vídeo não precisa de luz para gerar imagens. Com o computador podemos criar imagens que não existem. Meus colegas se deslumbram com essa possibilidade e, confesso, me sinto um pouco isolado por causa disso."

**LEIA MAIS**

sobre Bill Viola 3 pág. 4-3

# Bill Viola, no vídeo e ao vivo.

O VIDEOAKER APRESENTA HOJE NO VIDEOBRASIL SEU ÚLTIMO TRABALHO. AMANHÃ, FAZ PALESTRA E MOSTRA MAIS VÍDEOS.

Chegou ontem a São Paulo o videomaker Bill Viola, o convidado mais esperado da 9ª edição do Videobrasil, que se encerra amanhã no Sesc Pompeia. No festival, ele mostra seus vídeos em que trabalha com a modelagem do tempo, usando câmeras superlentas, uma visão diametralmente oposta à da edição da TV comercial.

Bill viajou o mundo em busca de locais onde acreditava poder colocar suas ideias em frames. Pretende algum dia vir à América do Sul, gravar na floresta amazônica e na Terra do Fogo, mas não será desta vez. Já gravou no deserto do Saara, na Tailândia, na Ilha Fuji, Morro do Jaraguá e em montanhas brasileiras. Hoje é um pai dedicado aos dois filhos, de quatro anos e outro de nove meses, "com uma rotina muito controlada", comenta bem-humorado. Aqui ele fala sobre a construção de um vídeo a partir do tempo e do uso da câmera lenta, entre outros temas.

**Por que as câmeras lentas?**  
O elemento básico com o qual eu trabalho não é a câmera, não é a tela do monitor, é tempo e experiência. Quando você usa o slow motion, uma série de coisas interessantes acontecem. Primeiro um microscópio onde se observam experiências. A imagem continua na tela, mas você consegue a sensação do sentimento. Um exemplo é meu trabalho *Passage*, de 87, que mostra a festa de aniversário de uma criança de quatro anos. Eu sei uma tela inteira, com a imagem de uma sala silenciosa onde acontece a festa. Você vê os rostos das crianças iluminados pela vela, e a câmera lenta faz com que a emoção deste momento continue por um tempo bem maior do que o real.

**Como se você congelasse a emoção.**  
Exato. É surreal, no futuro.



## Lições de mestre

Bill Viola (ao lado), a atração mais esperada do Videobrasil (Sesc Pompeia, na Clélia, 93, tel. 864-6544), fará hoje, às 16h52 (com estes exatos e britânicos minutos, segundo o programa), a apresentação do seu mais recente trabalho, "Passing". Amanhã, às 11h, dá uma palestra, com audiotape, explicando como fez os seus vídeos. Ainda amanhã ele exhibe outros trabalhos, como "Restors for Knocking At An Empty House" (colmeia), no qual ele deixou uma câmera parada dentro de uma casa vazia, transportando o espectador ao limite da angústia em seus 19 minutos. Já o vídeo "Haha-Yama", foi gravado no Japão e mostra cenas de polígonos que se fundem quase que imperceptivelmente.

## Poder da criação SUPERANDO A TÉCNICA

A câmera lenta envolve um tom emocional, religioso, à cruz?

Em alguns trabalhos, sim, como na instalação da Documenta de Kassel. Era uma tela de sete metros de altura, com a imagem de um corpo mergulhando na água. A obra dura seis minutos, quando no tempo real demonstraria meio segundo. O ator veste roupas claras, o lat é claro. As referências são as pinturas religiosas. O slow motion de alguma forma transforma a cena em um ritual.

Qual o envolvimento da técnica no seu trabalho?

Quando eu comecei, na década de 70, junto com a videarte, as pessoas se importavam com a questão técnica porque era uma mídia nova. A primeira coisa a se fazer é explorar todas as possibilidades técnicas da novidade, para dominá-la. Depois, é esquecer a técnica e se concentrar na criação. Quando um músico começa a tocar piano, ele deve aprender a técnica, depois esquecer que existe um piano e simplesmente tocar.

O que você acha dos filmes de Andy Warhol? Ele fez filmes interessantes com câmeras paradas em cenas sem movimento, como uma pessoa dormindo.

Acho que ninguém assistia aos filmes do Warhol (s). É engraçada esta questão da câmera que um artista usa, como os críticos que sempre encontram motivos profundos para cada coisa. Em uma entrevista, o jornalista questionava o motivo dele nunca mover a câmera. Warhol respondeu: "Nós acabamos de comprá-la e custou muito caro; temos medo do quebri-la".

Você está trabalhando em uma instalação usando dois projetores em uma só tela, um contra o outro, o que faz com que a imagem se espelhe no ambiente, cercando o espectador. É a direção que as pesquisas de realidade virtual estão tomando. Você pretende usar a RV no seu trabalho?

A princípio não. Prefiro que o espectador continue com a noção do espaço real. **Já Elias**

# Videobrasil recebe o místico Bill Viola

O festival exhibe hoje e amanhã vídeos do realizador norte-americano, que chegou ontem a São Paulo



Uma cirurgia de olho no vídeo "Anthem" (83), de Bill Viola

ANTONIO GONÇALVES FILHO  
Da Reportagem Local

Ele foi recebido pelo mais impressionante trabalho apresentado na 9ª Documenta de Kassel (Alemanha): um vídeo projetado numa tela de sete metros de altura, "The Arc of Ascent", que pode ser definido quase como uma hievolução. Nascido em Nova York há 41 anos, Bill Viola está para o vídeo como Tarlovski para o cinema, um realizador profundamente espiritualizado e estudioso das tradições religiosas do Ocidente. Viola chegou ontem a São Pau-

lo. Hoje, às 16h52, ele apresenta "The Passing", o vídeo que descreve ao longo de "The Arc of Ascent". Neste, o realizador leva adiante as experiências desenvolvidas em "Nilo Sei Como Eu Sou" (1986), em que a imagem de um relâmpago serve de ligação entre o céu e a terra, invertendo o que ele chama de "modelos horizontais de tempo e movimento". A cada clarão, uma vida nasce no vídeo. O polo vertical, acústico, se transforma no "agora" simultâneo e perpétuo, segundo Viola.

"The Passing" tenta entender esse fenômeno pela subversão. Se "Nilo Sei Como Eu Sou" procurava na poplita dos animais o cobalimento dos homens, "The Passing" faz da morte a passagem para esse mesmo conhecimento. No exemplo anterior, Viola reconhece sua própria imagem na

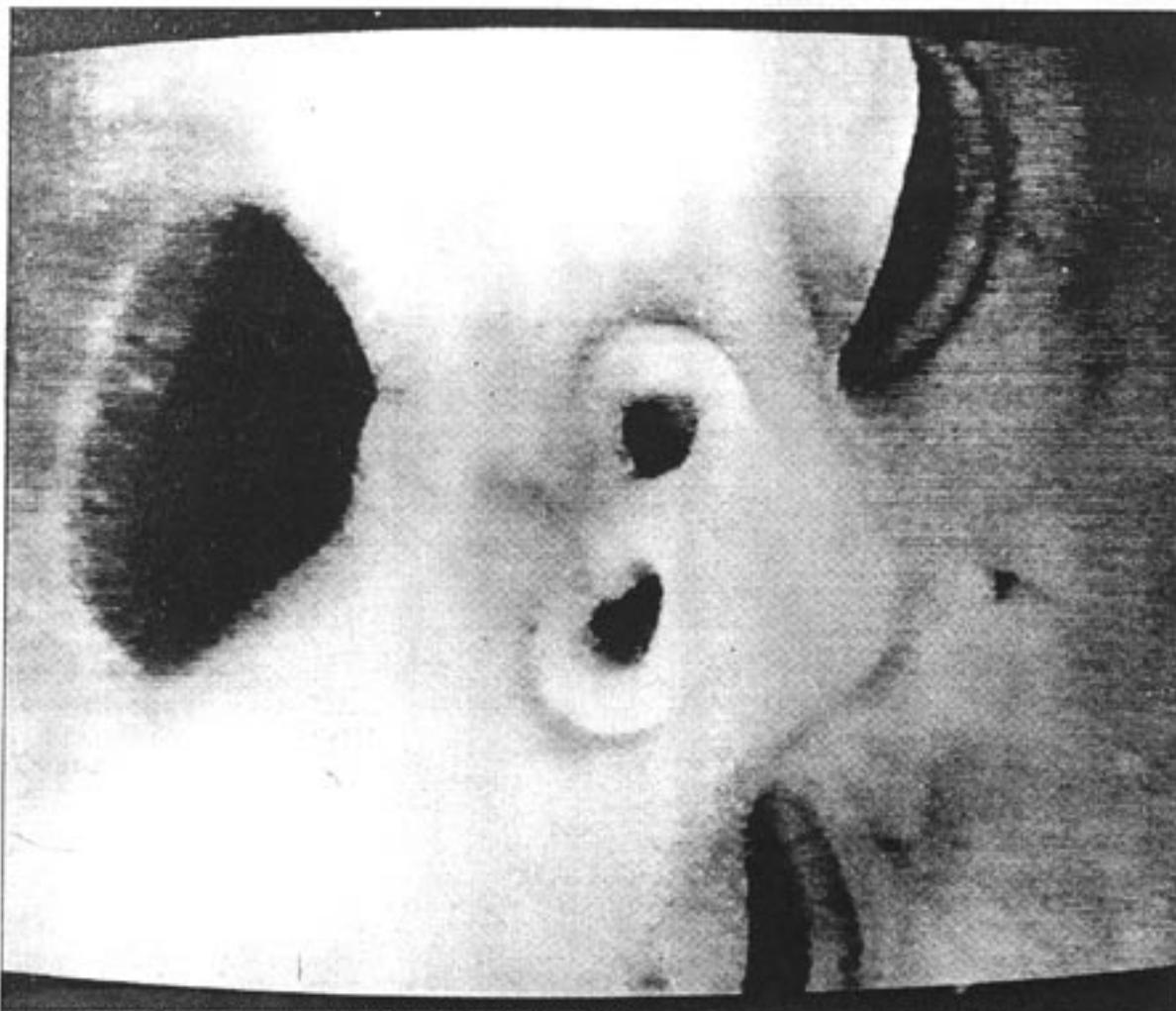
poplita negra dos animais, desmonta e é mais facilmente desmontável. É através desse mesmo tema — a passagem física e mental, as reflexões entre mundo exterior e interior, como Viola já observou — que permeia a busca em "The Passing". Um homem pode estar acordado ou se alongando no inconsciente freudiano (a água, ao que emerge e torna visível os limites físicos da tela de vídeo).

Ele está aí, no momento de sua morte (ou sonho). É o único momento em que esse homem é ele mesmo, segundo Viola, "porque só ele está vivo nesse instante". O mundo físico desaparece para esse homem, e é justamente o que acontece no vídeo, quando se dá a passagem do "aliquid" para a simplicidade.

A água, o peixe e o deserto são

as imagens (agradas) usadas com frequência por Viola. Em "Cham-El-Djoudi", rodado na Tailândia, a imagem do peixe assume uma dimensão bíblica, ao lado de figuras que fazem lembrar as experiências místicas de São Jerônimo no deserto. Em "The Reflecting Pool", a água de uma piscina é criada para uma reflexão sobre o Eclipsante. Tudo é ilusão e realidade, até mesmo o vídeo que completa a imagem do realizador.

**BILL VIOLA** - Nasceu em 1951, e em 1970, mudou-se para a Itália, onde realizou o vídeo "The Passing" (1981), com apresentação de Bill Viola, "Cham-El-Djoudi" (1979) e "The Reflecting Pool" (1977). Também "Video Time" (1981), "Nilo Sei Como Eu Sou" (1986) e "Restors for Knocking at an Empty House" (1980). Foi diretor do Sesc Pompeia em São Paulo, entre 1980 e 1981. Atualmente mora em São Paulo, Estado de São Paulo.



"Homenagens": uma mostra com obras-primas do vídeo.

**FESTIVAL**

**Bill Viola,  
um mestre no  
Videobrasil.**

A maratona de produções em vídeo do IX Festival Internacional Videobrasil termina no próximo domingo no Sesc

Pompéia (rua Clélia, 93, com entrada franca). As melhores atrações ficaram reservadas para este fim de semana. Hoje acontece a primeira exibição dos trabalhos do videomaker Bill Viola, provavelmente o nome mais esperado para esta edição do Videobrasil. Marcada exatamente para as 17h18,

a exibição da mostra "Homenagens" começa com seis trabalhos do francês Jean Paul Fargier. Na sequência, o Festival mostra "I Do Not Know What It Is I Am Like", aquela que é considerada a obra-prima de Bill Viola. O trabalho tem 89 minutos e foi gravado em locações distantes, como Índia e Estados Unidos.

# Julien Temple vai filmar vida de Jean Vigo

O diretor de "Absolute Beginners" quer rodar a biografia do cineasta com música do Negresses Vertes

## "Baila Caribe" traz rock-vodu

Da Reportagem Local

**BAILA CARIBE** - Direção: Roberto França. Domingo, às 19h30, na televisão São Paulo. Programa 2. Cód. 92, tel. 011-554-1111 e 45-5889. Programa, como usual, em alta fidelidade.

Durante dois meses o diretor carioca Roberto França, 32, viajou por países caribenhos à procura de novos ritmos para sua série "Baila Caribe". Já comprada pelos EUA e Inglaterra, o resultado dessa pesquisa, que descobriu gêneros como o "rock vodu" do Haiti, vai ser mostrado num compacto editado para o Videobrasil.

O haitiano "rock vodu", segundo França, uma mistura de "influências gaitanas que parecem ter saído dos discos antigos do Sotomai com instrumentos de percussão e letras políticas". Ele também voltou sua câmera para veteranos como Célia Cruz. (AGF)



O cineasta inglês Julien Temple, no Sesc Fábrika Pompéia

## ANTONIO GONÇALVES FILMO

Da Reportagem Local

Depois de mostrar, em "Absolute Beginners" (1986), cenas da vida do rebelde escritor Colin Nacinas, o cineasta inglês de Jack Kerouac: nos anos 50, o cineasta Julien Temple quer filmar a vida de outro "outsider", o cineasta francês Jean Vigo (1905-1934). Temple, que faz parte do júri da mostra competitiva do 9º Festival Internacional Videobrasil, propõe os créditos dos oríndotos. Vai fazer o mesmo que o produtor de "L'Atalante" (1934) fez com Vigo, ao colocar música popular no mesmo filme do diretor. Desta vez, quem toca é o grupo Les Negresses Vertes.

Pode ser que funcione. Vigo era chamado de "Rimbaud do cinema", um inconformista que morreu precocemente, aos 29 anos, com tempo de realizar apenas quatro filmes, entre eles o clássico "Zéro de Conduite" (1933), só liberado pela censura francesa 11 anos após a morte do diretor.

Assim, Les Negresses Vertes pode ser apenas um detalhe, embora "Absolute Beginners" tenha frustrado os que esperavam de Temple uma postura revolucionária como a de sua biografia.

Mas Temple não é Colin Nacinas, que narrava em seu livro diacrítico raciais num bairro popular de Londres (Notting Hill) no final dos anos 50, antecipando o que Stephen Frears iria retratar em "Saturday and Rose Get Lost" (1987). Temple, diretor de clips de Sid Vicious e dos Rolling Stones, admite que "Absolute Beginners" foi um primeiro passo para o musical que ele pretende rodar em Nova York. Desta vez não haverá uma tentativa de produzir um simulacro dos músicos de Vincenzo Minelli (1902-1986), mas uma espécie de cruzamento híbrido entre "West Side Story" e "Blade Runner", a considerar a sinopse do próprio Temple, que não é mais um "debaute absolute" no cinema.

O título provisório do musical é "Native Tongue". O "plot" do filme é a disputa pelo poder, que não se dá por armas, mas por música. "A história se passa no próximo século e fala metafóricamente com a disputa de territó-

rios que já acontece nas grandes cidades. Gangues de reggae lutam contra grupos de rap. É como "Blade Runner", só que muito pior", compara. Tem pouco a ver com a delicadeza de Jean Vigo, mas esse é o outro lado de um realizador de vídeos nervosos. "Vigo era um realizador mágico ligado aos surrealistas. Também teve uma relação punk com a indústria cinematográfica, sendo possível em adotar a linguagem das ruas nos seus filmes".

Como Vigo, Temple revela que tem problemas com produtores. Principalmente após o fracasso comercial de "Absolute Beginners", ficou difícil levantar dinheiro para seus projetos. O musical deveria salvar a Goldcrest da falência e provocar o renascimento do gênero na Inglaterra. Não foi o que aconteceu. "Gosto de fazer clips, mas minha inclinação é para o cinema", diz.

Sobre novas tecnologias de vídeo, Temple parece pouco animado a discutir temas como realidade virtual. "É como falar de um país onde nunca estiveram. Não é um assunto que me interessa particularmente. E, depois, nossa realidade já é um pesadelo, muito mais assustadora do que qualquer coisa que se possa criar".

# Videobrasil exhibe ópera sobre Khlébnikov

Gianni Toti fez o vídeo "Squeezangezaum" com música de Pasternak, em homenagem ao poeta futurista russo



O poeta italiano Gianni Toti, participante do Videobrasil

## ANTONIO GONÇALVES FILMO

Da Reportagem Local

**SQUEEZANGEZAUIM** - Data: 1991. Direção: Gianni Toti. Vídeo experimental sobre o poeta futurista russo Khlébnikov, música de "Squeezangezaum" - Música: Boris Pasternak. Duração: 10 minutos. Hora: às 19h30, no teatro de São Paulo. Programa 2. Cód. 92, tel. 011-554-1111 e 45-5889. Programa, como usual de São Paulo.

O crítico de cinema espírita Rómulo Gubern, 58, critica um analogismo para designar o estado antrapológico do homem da era eletrônica. "antrapológica", que definiria o perfil do "homocentrismo". Talvez estivesse pensando no poeta, ou melhor, "metrônico" italiano Gianni Toti, homenageado pelo 9º Festival Internacional Videobrasil, que hoje cubre sua

vide-ópera "Squeezangezaum" (1987), uma "situação" sobre o poeta russo Khlébnikov (1885-1922) com música do escritor Boris Pasternak (1890-1960) e poemas lidos por Lessandro (1895-1925), que aparece num antigo filme restaurado pelo realizador italiano.

Toti, que tem a "Blade da Terra", segundo ele, lutou contra os fascistas, foi correspondente de guerra e ainda hoje é o tipo de militante convencionalmente conhecido como intelectual "orgânico", aquele que não se permite ser delatado quando confronta teoria e realidade cultural. Amigo de Pasternak, com quem chegou a produzir livros de poesia, Toti já fazia vídeos antes mesmo de Bill Viola pegar numa câmera.

Com Pasternak ele desencadeou uma onda de "retornos sensoriais" ao publicar o livro "Eremitano, Everside e Mercadoria". Sua mais recente provocação tem seu título enigmático, "Tenz Tenz", um vídeo sobre a tenista

Suzanne Lenglen, que jamais perdeu uma partida e inventou a sua curta que se jogava hoje assim.

Nela, Suzanne Lenglen aparece (como montagem) jogando tênis com Charles Chaplin. Irruções cômicas chegaram a comentar a fúria paralisada como se ela tivesse realmente acontecido. O vídeo tem música do compositor John Cage, morto recentemente, aos 79 anos. A bailarina que interpreta Lenglen é a italiana Valéria Magli, a mesma que fez Lili Brak, a mulher do poeta russo Maiakóvski, que levou a Toti fragmentos do único filme dirigido pelo marido, "Salvavanna e Filas" (Opera do Filme, 1918), aproveitados na trilogia feita pelo poeta italiano sobre Maiakóvski.

Nos últimos anos, Toti tem dedicado parte de seu tempo a experiências com cineastas, que resultaram em vídeos como "L'Ordine, Il Caso, Il Pano" e "Conversazione Sulle Grandi Sante", um diálogo com o primeiro Nobel de Física Abdus Salam.

Como Brecht, ele parece mais interessado nas possibilidades das novas tecnologias do que em resultados. "Tentamos realizar o futuro artístico, a Guanduroveritz, a obra de arte total wagneriana. Por isso, não, os poetas, estamos interessados com e modo mental dos cineastas. Nosso objetivo é a emancipação, tornar visível o que não é visível", diz.

O que acontece com o vídeo, em geral, é o contrário, segundo Toti. "Não usamos nada da Guerra do Golfo. A Nasa inventou a realidade virtual e cabe a nós tirar das mãos dos militares o controle da informação, porque eles continuam nossos sentidos. Tem que a produção de imagens se converter apenas em entretenimento, inclusive a "realidade virtual". O que precisamos é promover o acesso ao conhecimento e ampliar nossa imaginação", diz o realizador, agora envolvido com o projeto de um vídeo sobre a música do músico compositor russo Aleksandra Scriabin (1872-1915).

## A bienal da telinha

Entra no ar esta semana mais uma bienal em São Paulo. Logo de saída, oferece uma bela vantagem em relação às de artes plásticas e do livro: a entrada é grátis. De segunda (21) a domingo, os 8 600 metros quadrados do Sesc Pompéia serão ocupados pelo mais esperado festival internacional da arte em vídeo do país, agora promovido a cada dois anos. Trata-se do **VideoBrasil** (veja a programação na coluna). Quem quiser olhar para o futuro e investigar possíveis imagens que ainda não de rolar na telinha, não pode perder sua nona edição. O programa é vasto e promissor. Serão exibidos 185 trabalhos em vídeo, num total de exatos 49 horas e nove minutos de duração. Quarenta e cinco deles concorrem na mostra competitiva.

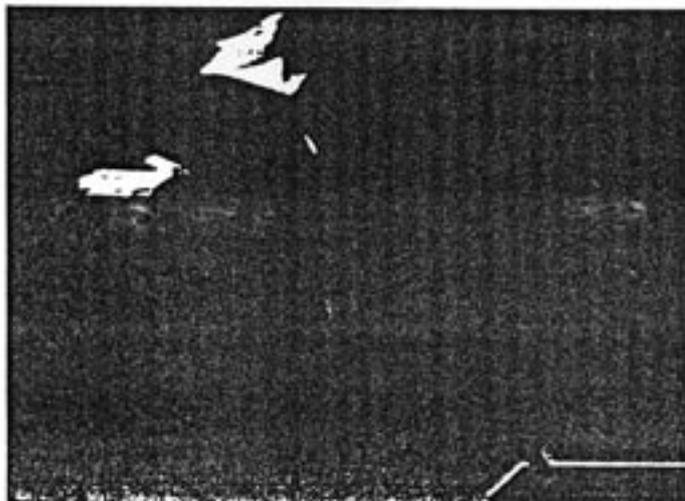
Para a escolha dos melhores, foram escalados, entre outros cobras, o francês Jérôme Lefdup, considerado um importante criador da chamada realidade virtual, e o videoclipeiro americano Julien Temple. Há outras estrelas, cujos consagrados trabalhos podem ser apreciados na mostra *Propostas do Júri*. Reverenciado

na videoarte americana, Bill Viola também diz presente, em palestra e entre os mitos enfocados em *Homenagens*. Esta mostra, aliás, presta reverência aos grandes através de 29 vídeos. A França — avançado pólo das novas tecnologias visuais — vem com tudo, isto é, com *Imagens do Futuro*, que se estende à Aliança Francesa do Brooklyn. Numa mistura de arte e computação, essa exposição chega diretamente do Centro

Georges Pompidou, a usina de arte parisiense, mais conhecida por Beaubourg. Reúne o que há de mais ousado no mundo em *images de synthèse*, denominação francesa para a tão propalada realidade virtual, muito comentada e raramente adentrada. Há mais atrações. "São experimentais, mas na linha profissional", diz Solange Oliveira Farkas, diretora do evento. Tudo isso, segundo ela, justifica o custo, estimado em cerca de 1,2 milhão de dólares.

Além de conferências, debates, mostra informativa, performances e exposições, o festival apresenta seis videoinstalações. Vindas da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Alemanha e até daqui mesmo, como *Impulsos Eletrônicas*, uma reunião de imagens em computação gráfica criadas por dezesseis brasileiros, entre eles Guto Lacaz, Milton Montenegro, o titã Amaldo Antunes (em parceria com o concreto Augusto de Campos) e até Patrício Bisso. Os estrangeiros ausentes comparecem através do *Videojournal*. É o caso da performance muito musical Laurie Anderson, uma das personalidades cuja imagem e voz chegam ao vivo, via videofone. Vale a pena ver.

WANDERLEY SANCHES



Obra de Milton Montenegro: destaque no VideoBrasil

# Videobrasil cria deserto no Sesc Pompéia



Eder Santos no "deserto" criado por imagens de vídeo

ANTONIO GONÇALVES FILHO  
Da Reportagem Local

O DESERTO NA MINHA MENTE (The Desert in My Mind) - Brasil, 1992. Videoinstalação de Eder Santos que reproduz paisagens do deserto de Death Valley, na Califórnia (EUA). Variações de temperatura em cada um dos seis segmentos (dia, tarde e noite). Duração: 146 a 98. Duração de cada segmento: vídeo cronoma. Na área de convivência do Sesc Pompéia (r. Chua, 91, tel. 011/ 864-3324 a 45-5884, Pompéia, zona oeste). Ad. Rodrigo.

Foi num vôo sobre o México que o realizador de vídeos Eder Santos, 32, teve a antevisão típica de um peregrino bíblico. Uma voz anunciou que ele descobriria, afinal, por que seu nome é um anagrama de "deserto". O minicri acordou do sono e, meses depois, já estava em Death Valley, o deserto californiano em que Antonioni filmou "Zabriskie Point". Mas, no lugar de um vídeo, ele produziu a

videoinstalação "O Deserto na Minha Mente", a mais cara —US\$ 70 mil, ou aproximadamente Cr\$ 480 milhões— do 9º Festival Videobrasil.

Só de areia foram 15 toneladas. Santos queria pedras de verdade para reproduzir as montanhas de Death Valley, mas acabou concordando com um simulacro. Afinal, a instalação trata de realidade virtual e é preciso que o espectador decida participar do jogo. Certo é que os técnicos do ar-condicionado fizeram o possível para que o visitante sinta o pavor de estar ao lado de uma serpente com a temperatura a 45 graus.

Ela cai muito à noite. Portanto, há uma opção para quem não quiser ver como uma cobra se arrasta pela areia quente, trocando o réptil pela imagem de uma lua típica de Calvi di Bergolo.

O "deserto" de Eder Santos tem outras imagens marcantes. A sombra do que foi um dia um oceano aparece no segmento dedicado ao Devil's Gulf Curse, um território entre o ser e o nada, a terra salgada modelar das parábolas

bíblicas. A câmera parece seguir os passos de um demônio, atormentado pela aridez do deserto e tentando não tropeçar na tradição narrativa do cinema.

O realizador participa do Videobrasil com outra produção, o vídeo "Essa Coisa Nervosa" (1991), brincadeira inspirada no turista "zapping", aquele que grava, filma, fotografa e não vê coisa alguma. "Ele é baseado num super-8 feito por um médico, em que a narração não corresponde ao que se vê na tela. Ou melhor, ao que não se vê, porque tem até travelling de ônibus."

Esse olhar fragmentado merece um comentário em "off" no vídeo. "Será essa coisa nervosa culpa dos japoneses?", pergunta a legenda do vídeo, programado para estrear no New York Film Festival. "A impressão que se tem é de que os japoneses não dominam, mas são dominados pela tecnologia. Tanto que a alta-definição é invenção japonesa, o que deve significar zigo", diz.

LEIA MAIS

veja o Videobrasil 1992, p. 8

# Performances e brincadeiras com o vídeo

Além da mostra competitiva, que hoje exibe nove vídeos, o IX Festival Internacional Videobrasil, no Sesc Pompéia, apresenta divertidas instalações com a participação do público.

Caras enormes invadiram o palco do Sesc Pompéia na noite de segunda, durante a abertura do IX Festival Internacional Videobrasil. Os rostos desconhecidos eram as Videomáscaras, performance de Otávio Donasci, numa sequência ao conceito de máscara eletrônica das videocriaturas que o artista introduziu em 1983. A performance de Donasci, que acontece diariamente até domingo, sempre às 20 horas, abriu o Festival no teatro e foi sucedida pela exibição do Videojornal, com apresentação de Carlos Merozo, e pela primeira noite da Mostra Competitiva do Hemisfério Sul.

Para as Videomáscaras, o artista utilizou a retroprojeção de imagens em telas feitas de nylon, no formato de dois rostos, de um homem e de uma mulher. As máscaras são gerenciadas pelo vento gerado por ventiladores instalados no suporte que movimenta cada uma, onde também está localizado um projetor de tela. Ao som da música de Livio Trugtemberg, as máscaras se movimentam como se homem e

mulher conversassem, num clima sensual. A frente das telas, uma bailarina faz um solo, onde só se vê sua silhueta. Em um dado momento, a máscara feminina vai se aproximando da platéia, chegando a encostar na primeira fila, até que "come" um espectador. Donasci chamou-as de "velas vídeo". "É a primeira vez que uso o vento como suporte de uma imagem. A vela é a alma do rosto, diferente do "vídeo-vivo", onde um ator empresta o seu corpo a uma imagem", conta Donasci, que também expõe uma instalação chamada VideoTaxiGirls, manequins com rosto de monitores com as quais se pode dançar.

## Realidade virtual

Entre as instalações que ficam expostas até o fim do Videobrasil, uma das que mais chamou a atenção do público foi a Watch Yourself, do americano Timothy Binkley. O artista usou técnicas simples de Realidade Virtual para proporcionar aos visitantes uma atividade interativa, onde é possível inserir a sua própria

imagem em obras de arte, usando um mícro dotado de placa Targa, muito usada em computação gráfica. Funciona em uma tenda escura, onde uma grande tela mostra reproduções de quadros e esculturas. O usuário fica em frente à tela e sua imagem é captada por uma câmera de vídeo. Na tela, um ícone da obra exibida cai do teto e o usuário tenta encaixar seu rosto nele. O resultado é a fusão deste pequeno pedaço da cena com a imagem da pessoa. Se quiser guardá-la de recordação, basta acenar a mão para cima, o que faz aparecer uma máquina fotográfica — virtual — na mesma tela onde se viu os ícones. Apertando o botão, consegue-se uma cópia em papel feita no videoprinter.

## Jó Ellis

Videobrasil — Até dia 27, no Sesc Pompéia, r. Celso, 93, tel. 864-8244. Ao lado, mostra francesa Imagens de Futuro, seguida das obras de Marcello Dantas e Peter Collin, homenagem a Jean Paul Fargier e Grand Toti. Às 20h, mais uma etapa do Aberto Competitivo, com nove vídeos. O último evento é a mostra Propostas de Jô, com trabalhos de José Ramos Feres Oliveira. A entrada é gratuita.



## VideobrinCADEIRAS

As Videomáscaras, instalação de Otávio Donasci em que os rostos de um casal são projetados em máscaras de tecido (acima), abrem o IX Videobrasil, segunda-feira à noite no Sesc Pompéia. Donasci também expõe a instalação VideoTaxiGirls (à esq.), utilizando manequins com rostos de monitores, com as quais o espectador pode dançar.

# Festival de vídeo leva Julien Temple a SP

SÃO PAULO — O 9º Festival Internacional Videobrasil, que começou ontem no Sesc Pompéia, reunirá na capital paulista alguns dos principais criadores da linguagem, como o inglês Julien Temple, diretor de cinema e videoclips, e o francês Jérôme Lefdup, pesquisador de computer art. Longe de se restringir a frias imagens em e telões espalhados pelas salas e galpões da antiga fábrica transformada em centro cultural, o festival terá atrações como uma cabine de realidade virtual e performance de Fausto Fawcett. Até o dia 27, 50 horas de vídeos darão um panorama de produção mundial.

Toda a programação do Videobrasil terá entrada franca. Uma mostra chamada "Imagens do futuro" mostrará o que há de mais moderno em vídeo e suas conexões com a informática. Na instalação de realidade virtual

"Watch yourself", do americano Timothy Binkley, o visitante poderá "entrar" em telas de grandes pintores, tendo a sensação de estar no cenário retratado na obra.

Outra mostra homenageará grandes videomakers com a exibição de obras de Bill Viola, Michel Bret, Gianni Toti, Jean Paul Fargier e Moyses Baumslein. Os jurados da mostra, que vai distribuir Cr\$ 50 milhões em prêmios, também mostrarão seus trabalhos. De Julien Temple serão exibidos clips e trechos do filme "Absolute beginners". Além dos jurados, o festival conta com 28 estrangeiros convidados. Entre os brasileiros, um dos destaques é o mineiro Eder Santos, com uma instalação que reproduz imagens e temperaturas do deserto, com variações que podem ir de cinco a 50 graus centígrados.



Eder Santos e sua instalação "O Deserto na Minha Mente"



"Postais do Brasil", videoinstalação de Ulysses Nadruz

# Crianças cercam filósofo no Videobrasil

ANTONIO GONÇALVES FILHO  
Da Reportagem Local

**INSTALAÇÕES NO 9º FESTIVAL INTERNACIONAL VIDEOBRASIL** - Seis videoinstalações de Moisés Baumstein, Timothy Binkley, Barbara Hamman, Tina Keane, Ulysses Nadruz, Luis Nicolau. A partir das 10h, na área de convivência do Sesc Fábrika Pompeia (r. Clélia, 11, tel. 011/65-5889 e 864-3324, Pompeia, zona oeste de São Paulo). A instalação "O Deserto na Minha Mente", de Eder Santos, fica aberta das 14h às 19h. Até domingo.

O filósofo e matemático americano Timothy Binkley tem físico de atleta e voz de bebê. Não é sem razão que vive cercado de crianças em sua videoinstalação "Watch Yourself", o maior sucesso entre o público infantil pre-

sente ao 9º Festival Internacional Videobrasil. São seis as videoinstalações do festival, desde um simulacro do Death Valley em "O Deserto na Minha Mente" (leia mais à página 4-3) até "A Traição de Judas".

A instalação de Binkley faz com que o espectador "entre" em telas populares como o "Bilhar" de Van Gogh e as "Meninas" de Velásquez, através de sua imagem processada por computador e incorporada às obras. Binkley, autor de um livro sobre Wittgenstein, acredita que essa interação não seja apenas uma brincadeira e teme pelo futuro da realidade virtual. "Acho que vamos perder o crédito na imagem. Ou, no

mínimo, nossa fé será menor."

Do outro lado de sua instalação está a do catalão Luis Nicolau, "A Traição de Judas", em que o cineasta Bigas Luna aparece como o apóstolo Pedro. Em seis monitores, Nicolau mostra o beijo de Judas, a Última Ceia, o julgamento do Cristo, a "via crucis", Pilatos lavando as mãos e o suicídio do traidor. As cenas se passam em cenários artificiais, inspirados em pintores renascentistas, entre eles Da Vinci.

Ao lado do teatro do Sesc está a videoinstalação da inglesa Tina Keane, "Escalator". São 11 pares de monitores. Os da direita mostram alcoólatras que moram em caixas de papelão e mendigos no

metrô de Londres. Os da esquerda, executivos subindo escadas rolantes. Um eficiente "zapping" sociológico. A alemã Barbara Hamman vai além. Mostra o horror em "Nest fur Dachau", em que um corpo aprisionado tenta respirar, artifício meionímico para não falar das câmaras de gás do campo de concentração que existia em Dachau (sul da Alemanha). Há ainda as videoinstalações "Postais do Brasil", de Ulysses Nadruz, que mostra um dia na vida de três lugares do Brasil (Copacabana, floresta amazônica e favelas cariocas) e hologramas de Moisés Baumstein.

# Franceses exploram caminhos da videoimagem

Imagens do Futuro traz 11 horas de vídeos, exposição de fotos, workshops e debates de especialistas franceses no âmbito do 9º Festival Internacional Videobrasil

Lutz Zanin Oricechio

**H**oje o artista é um detetive. Um ser capaz de criar um mundo novo, que pode ser compartilhado com outros. Palavra de um dos gurus da tecnologia de ponta na produção de imagens, o pesquisador e filósofo Philippe Quéau. O conceito não é novo. Felipe dita que o cinema é um Deus. E o cinema também, inventa realidades novas. A diferença é que com as novas tecnologias visuais, em especial a realidade virtual, há uma mudança radical na relação entre imagem e público. Já não se trata de um espectador, mas duas telas de TV são colocadas aos olhos e ligadas a um computador, a pessoa literalmente passa a viver dentro de um espaço virtual, que interage com ela. O espectador vive, diz Jérôme Leffler, que veio ao Brasil mostrar seus trabalhos e participar como jurado do 9º Festival Internacional Videobrasil.

Leffler faz parte do grupo francês — também integrado pelos especialistas em vídeo Jean-Marie Dubaud, Yves Gauthier e Pierre Henon — que veio apresentar a mostra Imagens do Futuro, no âmbito do Videobrasil. São 11 horas de vídeo, exposição de fotos, workshops e debates. A mostra veio ao Brasil com o apoio do Instituto Nacional de Audiovisual (INA), entidade francesa que promove o diálogo entre cineastas e artistas interessados no tema e considerado um dos centros mundiais mais avançados na



A Torre Eiffel da videomaker Jérôme Leffler: imagens geradas por computador compõem o visual do futuro

pesquisa das imagens do futuro. Realidade virtual e apenas uma das modalidades (além de outras imagens) desse futuro new world que começa a surgir no audiovisual. "Hoje estou aqui para fazer ainda no campo das duas dimensões", diz Leffler. "Principalmente com a projeção de imagens por computação gráfica, já

legamente usada em filmes de animação". Ele trabalha com vídeo e TV, e é um entusiasta na utilização de novas técnicas, do vídeo simples a imagens geradas por computador e de vídeo virtual. Segundo Jean-Marie Dubaud, o chefe de Leffler é a animação perfeita entre sons e imagens, o que aproxima seu trabalho do polímico

Jérôme Leffler, outro papa contemporâneo da produção em vídeo.

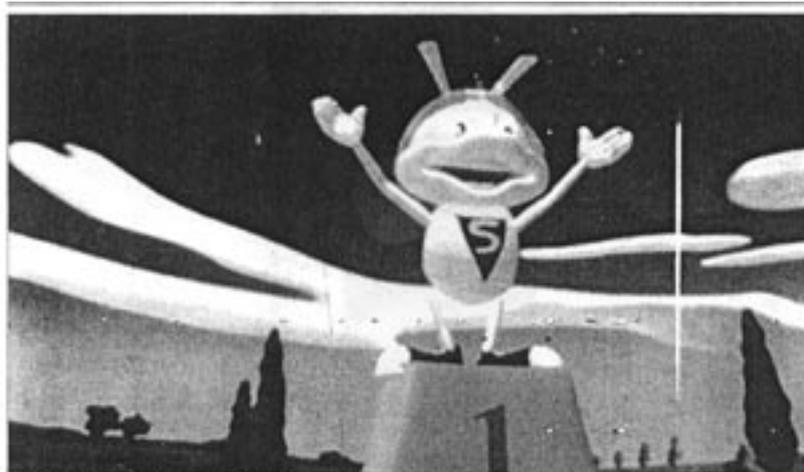
O grupo francês não parece fascinado por filmes tecnológicos. Tudo depende do que se quer mostrar. Temos que escolher aquilo que for mais apropriado para a mensagem a ser transmitida. A técnica é apenas um instrumento para o artista", diz Leffler. A escolha interna do cineasta define sua necessidade, seja de um método de projeção, seja de algo mais tradicional. Por isso não há nenhuma fundamentação, segundo eles, na vídeo-epicopeia de que as novas técnicas corrompem o cinema sem qualquer peça de moeda. O que o futuro do audiovisual deve mostrar é, pelo contrário, uma síntese entre o tradicional e o avançado. Por exemplo, imagens geradas por computador ou em vídeo de alta definição e depois exibidas em 35mm para projeção em cinemas. Muitas outras opções são possíveis.

Tudo isso já está acontecendo. O grandioso Schwarzenegger teve sua estreia no O Estereoscópio do Futuro 2 — julgamento final articulado num universo híbrido da película tradicional e do mundo das computações. Referência recente O Processo, de Kalla, marca outros horizontes para a arte virtual. A realidade no universo das imagens é insondável. O espectador do futuro vai conhecer cada vez mais com esse meio tecnológico. O que é muito possível, no opinião de Jean-Marie Dubaud. "Estamos numa verdadeira revolução, com esta distância, que há alguns anos."

## SERVIÇO

Imagens do Futuro: vídeos, fotos e workshops sobre a nova tecnologia de imagem/fotografia

Pompeia (Rua Clélia, 11) de 10h às 19h. Instituto Nacional de Audiovisual (INA) - São Paulo, SP. 011/65-5889 e 864-3324. Horários em Guia



Imagens do Futuro, no Sesc-Pompéia: realidade virtual e computação gráfica em onze horas de vídeo.

VÍDEO

## VIAGEM AO ESPAÇO VIRTUAL

Na mostra **Imagens do Futuro**, a partir de hoje no **Sesc-Pompéia**.

Munido de um capacete, com duas telas de tevê acopladas aos olhos e ligadas a um computador, qualquer pessoa pode viver dentro de um espaço virtual e interagir com ele. Um exemplo de realidade virtual, que poderá ser visto a partir de hoje na mostra **Imagens do Futuro**, evento paralelo ao IX Videobrasil que acontece no Sesc Pompéia. "O espectador vira ator", diz o francês Jérôme Lefdup, que está na cidade para mostrar seus trabalhos e participar como jurado do festival.

Lefdup faz parte do grupo francês — ao lado de Jean Marie Duhard, Yves Louchet e Pierre Henon — participante da mostra organizada pela Aliança Francesa. São onze horas de vídeo, exposição de fotos, workshops e debates. A mostra **Imagens do Futuro** tem o apoio do Instituto Nacional de Audiovisual (INA) da França, considerado um dos centros mais avançados na pesquisa das imagens do futuro.

Realidade virtual é apenas uma (talvez a

mais atraente) das modalidades surgidas recentemente no audiovisual. "Há muita coisa para fazer ainda no campo das duas dimensões", diz Lefdup. "Principalmente com a geração de imagens por computação gráfica, já largamente usado em filmes de animação". Segundo Jean Marie Duhard, o fofe de Lefdup é a articulação perfeita entre som e imagem, o que aproxima seu trabalho do polonês Zbigniew Rybszinsky, outro papa contemporâneo do vídeo.



Jérôme Lefdup

"Temos que escolher aquilo que for mais apropriado para a mensagem a ser transmitida. A técnica é apenas um instrumento para o artista", diz Lefdup. Não há nenhum fundamento, segundo eles, na visão apocalíptica de que as novas técnicas tornariam o cinema uma simples peça de museu. O que o futuro do audiovisual deve mostrar é uma síntese entre o tradicional e o avançado. Por exemplo, imagens geradas por computador ou em vídeo de alta definição e depois copiadas em

35mm para projeção em cinemas.

Tudo isso já está acontecendo. O ator Arnold Schwarzenegger teve suas aventuras de **O Exterminador do Futuro 2** ambientadas num universo híbrido da película tradicional e do mundo dos computadores. Rybszinsky recriou **O Processo**, de Kafka, usando atores humanos num ambiente virtual. Segundo as previsões, o espectador do futuro vai conviver cada vez mais com esse mix tecnológico. O que é muito positivo, na opinião de Jean Marie Duhard: "Estamos muito mais ricos hoje, com esta diversidade."

**Luiz Zanin Oricchio**

### O programa de hoje

10h — Conferência — Sandra Lisch.  
 14h — **Imagens do Futuro** — Vencedores do Pixel-Ina (1988-90).  
 15h45 — Proposta do Júri — Marcello Dantas e Jérôme Lefdup.  
 17h05 — Homenagens — Moysés Baunstein e Gianni Toti.  
 20h — Videojornal e Mostra Competitiva Hemisfério Sul.  
 22h — Proposta do Júri — José Ramon Perez Orrio.  
 Sesc Pompéia — Rua Celso, 93 — Tel. 864-8544.

# Franceses revelam o futuro no VideoBrasil

A mostra "Imagens do Futuro" tem desde o primeiro longa de Moebius até experiências com realidade virtual



O curador da mostra "Imagens do Futuro", Jean-Marie Duhard, ontem, em São Paulo

ANTONIO GONCALVES FILHO  
Da Reportagem Local

**IMAGENS DO FUTURO** - A partir de hoje, no 9º Festival Internacional VideoBrasil, haverá 21 horas de programação, exposição de filmes, debates e trabalhos em dois setores diferentes. No Alameda Francisco de Bragança (ex. Rua Almeida, 2.521, tel. 511-048-0432, São Paulo, entre tel. de São Paulo) e parte de hoje, de 19h, exposta para 43 horas da Fundação Imagem 91, proibido por copyright. Anunciado a partir de 19h, mostra de obras em São Paulo, Fundação Imagem 91, tel. 511-048-0432, São Paulo, entre tel. de São Paulo. Toda programação a pag. 47.

Pelo "menos um ponto" o curador da mostra "Imagens do Futuro", Jean-Marie Duhard, e os três convidados franceses do 9º Festival Internacional VideoBrasil — Jerome Lefdup, Yves Louchet e Pierre Henon — estão de acordo. O impacto de novas tecnologias não deve imbuir realidade ou espectador. O risco da linguagem computarizada uniformizar a criação inexistem, segundo eles. Revisando Andy Warhol, eles dizem que, no futuro, todo mundo poderá ser

artista por mais de 15 minutos com a ajuda do vídeo.

"Recorrendo a uma metáfora, posso dizer que a tecnologia é como um carro. Você pode dirigir para onde quiser", compara o realizador Jerome Lefdup, 31, autor do vídeo "Random Joe", que será homenageado na sexta-feira com a exibição de seus trabalhos. "O modo da homogeneização da linguagem realmente existia nos anos 80, quando se pensava que o realizador iria se tornar escravo da tecnologia. O tempo passou que não. É só ver um vídeo como 'Passing', de Bill Viola, para atestar que o vídeo natural é possível. Novas tecnologias podem significar novas formas de expressão", diz o curador Jean-Marie Duhard, 44.

Duhard também não observa efeitos psicológicos negativos provocados pela "realidade virtual", em que o espectador pode interagir com imagens que simulam um "ambiente" artificialmente criado pelo vídeo. "Há sempre uma tentativa de representação do real na obra de arte, através de uma visão subjetiva, analógica. O material técnico, digamos, é sempre o real, mesmo em tentativas de simulação como os vídeos da guerra do Golfo", diz.

Para Yves Louchet, 47, administrador do festival Imagina, organizado pelo Instituto Nacional do Audiovisual, na França, as pesquisas de vídeoarte, ao contrário, não são apenas pesquisas linguísticas, que procuram a "palavra". Com ele concorda Duhard, para o qual existe um confronto claro entre a "civilização do papel" e a "civilização do vídeo", que definiu o plano do futuro. "Pode parecer estranho, mas as pessoas que têm mais medo do vídeo são os cineastas, talvez por conta da tradição narrativa do cinema", diz Duhard.

Os meios mais eletrônicos de tratamento da imagem ainda são rudimentares, segundo Pierre Henon, 49, responsável pela competição internacional Pixelina, que dá prêmios a realizadores. "O vídeo já começa a ser usado por arquitetos, urbanistas e vai criar cada dia mais presença na vida de certos profissionais. Isso deve provocar o advento de novas tecnologias e uma nova postura do consumidor de imagens", diz. Para incentivar os realizadores, a Aliança Francesa e o Banco Sogefal criaram o prêmio Futuris, um estágio de uma semana na produtora francesa Ex-Machina.



# 9.º VideoBrasil toma a praia da televisão

O festival, que acontece entre os dias 21 e 27 deste mês, discute a TV brasileira através das opiniões de 'notáveis'

## Respostas a cinco perguntas

Da Redação

**1. O que há de melhor e pior na TV brasileira hoje?**

Carlos Augusto de Oliveira, superintendente de produção e programação da Rede OM: "O pior: o monopólio econômico da Globo e a intrusão da mídia publicitária."

**2. O que você pensa sobre a maneira como são concedidos os canais de TV no Brasil?**

Daniel Filho, ator e diretor: "É um verdadeiro escândalo. E nisso não adianta CPI pois os maiores beneficiados estão no Congresso."

**3. Como a TV brasileira pode ajudar a melhorar o nível cultural da sua população?**

Caci Diéguez, cineasta: "Essa é uma preocupação acadêmica que não tem nada a ver com a luta contemporânea de cultura e sua dimensão social. A luta de 'melhorar' o nível cultural é

antirracista, paternalista e gera equívocos como a maior parte de nossas TVs educadoras ou culturais. A questão não me interessa, em si mesma."

**4. Em que a programação infantil veiculada hoje colabora no processo de educação das crianças?**

Chico Anysio, humorista: "Em nada. A programação infantil das nossas televidões não chega a deseducar, mas não que tanto."

**5. O que falta na TV brasileira?**

Roberto Pompeu de Toledo, jornalista da revista "Veja": "A TV brasileira não é por nada melhor do que qualquer outra coisa que se faz no país. Fazemos TV tão bem, ou tão mal, quanto crimes são, fabricamos canções ou filmes políticos. A TV vai melhorar quando melhorarmos todos, como sociedade e como pessoas."



Marcelo Machado, autor do projeto "10-100-100 Milhões"

Da Redação

**9º FESTIVAL INTERNACIONAL VIDEOBRASIL** - Mostra com exibição de vídeos, documentários, performances, exposições, debates e conferências. De 21 a 27 de setembro na Rua Francisco de Bragança, 2.521, entre tel. de São Paulo, tel. 511-048-0432.

O VideoBrasil deste ano entra na praia da televisão. No dia 26, sábado, a partir das 10h, uma mesa-redonda pretende discutir as alterações sofridas pela televisão brasileira nos últimos dois anos.

É a primeira vez que o evento se propõe a debater o assunto. Segundo Marcelo Machado, 34, organizador do projeto "10-100-100 milhões", a questão é bastante oportuna. "Nos últimos dois anos houve alterações fundamentais na televisão brasileira, com o aparecimento de televisões segmentadas, como a Globovisão e a MTV. Isso causou alterações profundas na programação das emissoras."

O projeto visa traçar um mapa de como as pessoas vêem a TV brasileira hoje. O perfil será definido a partir de um questionário de dez perguntas enviado a 150 "ouvintes" brasileiros — artistas, empresários e produtores culturais. Entre eles, Roberto Mari-

nho, Chico Anysio, Silvio Santos, Tonie Okazaki (das algumas perguntas e respostas ao lado).

Diante o VideoBrasil será montada no Sesc Pompéia uma cabine em que o público poderá responder, em vídeo, às mesmas perguntas feitas aos ouvintes. As respostas posteriormente farão parte de uma publicação também organizada por Marcelo Machado e serão exibidas no "VideoBrasil", que passa no festival e que a TV Cultura exibe a partir da próxima segunda, diariamente, dentro do programa "Lanterna Mágica".

De menção de dia 26 — aberta ao público — participam Walter Clark, presidente da Fundação Rogério Pinto, Roberto Maylart, presidente da Fundação Padre Anchieta, Nelson Bonini, diretor do programa "Documento Especial", exibido pelo SBT e Fausto Ali, diretora-adjunta da TVA/MTV.

Marcelo Machado que, junto com Fernando Meireles, ganhou o 1º VideoBrasil, em 1983, diz que houve uma popularização da TV nos últimos anos. "Com esse projeto, quero ver se esse fenômeno vai em direção ao povo ou em direção ao populacismo."

# VIDEOBRASIL

## No limite da imaginação

LEDA ROSA

**O** Festival traz 300 trabalhos em vídeo e instalações

Os videastas nacionais vão sentir, a partir de hoje, que a moderação vende e a ambição consegue driblar a crise. No 1º Festival Internacional Videobrasil, que reúne aproximadamente 300 trabalhos vindos do mundo inteiro, 60% dos inscritos na mostra competitiva são brasileiros. Mas os estrangeiros — também desafiados em prol do vídeo — imprimindo a esta edição feições de literal de arte, expõem suas prioridades e suas leis institucionais que mostram o quanto arte e vídeo se estão integrando, buscando para a realidade aversar as artes apenas imaginadas. As imagens ocupam os espaços e atingem os olhos de 90%, como na instalação do mineiro Eder Santos, que reproduziu um deserto. Hoje, na abertura, o videomaker brasileiro Otávio Donaszi faz uma performance, usando miniaturas com pequenas telas no lugar do rosto, as videocâmeras.

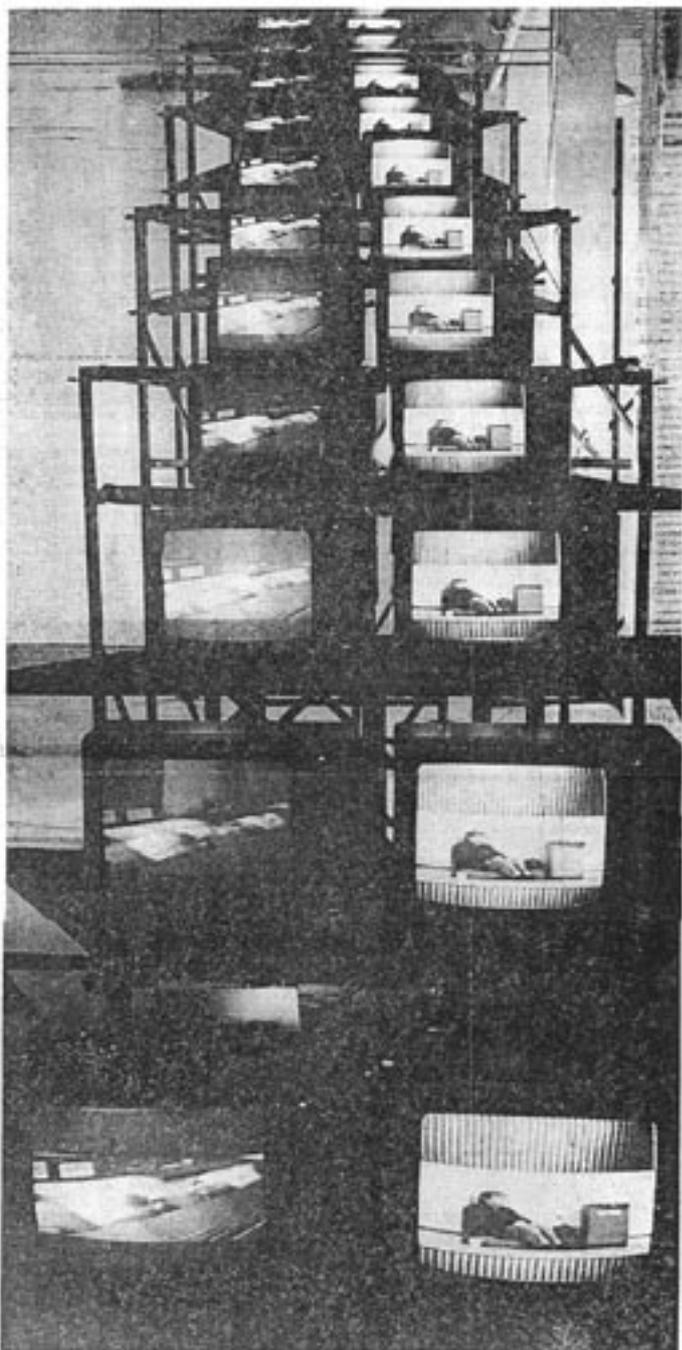


O americano Bill Viola

evento — sediado até dia 27 no Sesc Pompéia — como a maior oportunidade para que a troca de informação entre os realizadores possa render contrastes com o mercado internacional. A diretora da Associação Cultural Videobrasil, responsável pelo Festival, Solange Takaki, já tem certeza do sucesso: "arrangei pelo vídeo tapiriquita. Em viagem, como a bocha no mercado", conta ela, jornalista apitronada por vídeo que elaborou o primeiro projeto do festival em 85. "Com a crise pensei que nossa produção ia ser desastrosa. Nada disso. Estamos cada vez melhores", elogia.

produções do biênio 91-92, o festival vai mostrar e homenagear os trabalhos dos vips da área. Já estão em São Paulo para as conferências especiais como Bill Viola, dos EUA, Gianni Toti, da Itália e Jean Paul Fagard, da França. Todos trouxeram na bagagem as fitas que adoram e que integram a Mostra do Just. Além disto, o público poderá ver a Mostra Imagens do Futuro, um panorama de 36 vídeos sobre as novidades na gestão de imagens, além de debates e workshops. As fronteiras do evento vão mais longe, na conexão com as TVs Cultura e Arhembi, que cobrirão a maratona programada para ser, no mínimo, 50 horas de exibição. A mostra amplia as fronteiras e ocupa não só o Sesc Pompéia — abarrotado de instalações artísticas onde o vídeo dá o tom. Vai circular pela cidade nas TVs Arhembi e Cultura, que acompanharão toda a programação.

Arredados "só" vão falar. Diariamente serão mais de cinco horas de exibição. O belém Videobrasil promete ser inesquecível. De manhã repete o que passou na noite anterior e depois liga a cidade a Nova Iorque, em entrevistas feitas pelo ator Carlos Moreno com alguns videomakers estrangeiros.



No Escalator, as imagens dos monitores imitam uma escada rolante



O mineiro Eder Santos reproduziu um deserto



Solange, organizadora, pôe fe nos brasileiros



Otávio Donaszi mostra hoje suas videocriaturas

### Espectador pode entrar no quadro

Quem entrar na área de convivência do Sesc Pompéia vai se deparar com uma imensa estrutura amarela, que pode levar o visitante para muito longe do bairro da Pompéia, diretamente aos imaginários limites da realidade virtual. "É só escolher um dos quadros e entrar naquela paisagem", explica Solange. Para colocar em ação a instalação, de título Watch Yourself, assistida pelo americano Timothy Benley, foi preciso instalar uma estação de computação. Mas ela não é única. Algumas outras instalações também precisaram do mesmo equipamento.

A viagem do mineiro Eder Santos, de 31 anos, videasta há 12 anos e vencedor de vários prêmios nacionais, passou pelo deserto do Death Valley, na Califórnia, EUA, para mostrar a importância de se conservar a floresta amazônica. O alerta ecológico é um desenho e impressão de 50 metros quadrados, quatro metros de altura, 15 toneladas de areia costeira e duas de pó de alumínio, com vídeo-projetores e 10 aparelhos de ar condicionado que reproduzem temperaturas de sete a 45 graus centígrados. As imagens serão projetadas na areia e mudam a cada três horas. "De manhã será um deserto mais real, à tarde algo mais etéreo e à noite as imagens serão urbanas".

Outra instalação que deve agradar é Escalator, da inglesa Tina Keane, estrutura em forma de escadas, formada por 22 monitores que reproduzem pela imagem o movimento de subida e descida das escadas rolantes. As imagens que sobem mostram os bem-sucedidos londrinos e as que descem, os habitantes do submundo da capital inglesa.

## Brasileiros esbanjam humor

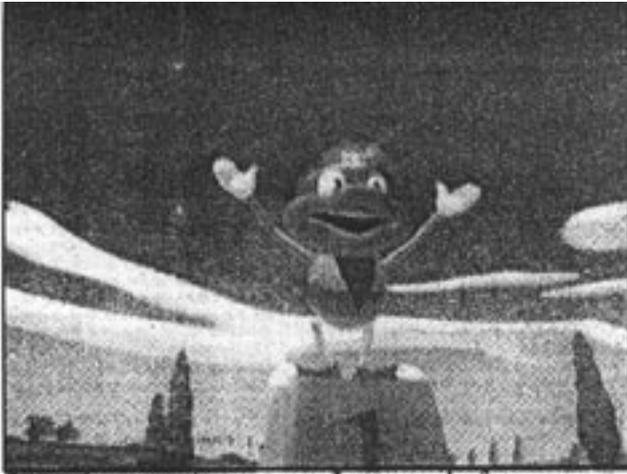


A videasta Tina Keane

Os nacionais concorrentes conservam o bom humor e a rebeldia que marcaram os festivais anteriores. Também temo muitos musicais, animação e muita natureza, no estilo da ECO-92, aduziu Solange. O vídeo ficou 92, feito por uma TV pública do Rio de Janeiro, deve provocar muitas polêmicas no seu um minuto de duração, pela sua irreverência e cômico com que trata a ECO-92. A produção franco-brasileira Os Guemeros do Silêncio tem 50 minutos e também está bem cotada, pela emocionante narração da aculturação de índios brasileiros de Minas e espanhóis.

Para os integrantes da associação o resumo do festival é vital para a conscientização do Centro de Experimentação Audiovisual, um projeto ambicio-

so que custa, aproximadamente, 500 mil dólares (C\$ 3,55 bilhões) e mais 100 mil dólares para a manutenção mensal. Até meados de 93 Solange pretende já ter conseguido o apoio de empresas nacionais e estrangeiras para financiar as contas. "A ideia é co-produzir programas internacionais e entrar no mercado estrangeiro, que é dividido por esse mercado", conta Solange. Atualmente o centro funciona na rua Cônego Eugênio Leite, em Pinheiros, mas a mudança já está nos planos. Ampliar e melhorar a videoteca é uma das primeiras metas. Hoje o acervo tem 500 títulos e os responsáveis querem atualizar o número, comprando o material só com vídeos de arte produzidos na América do Sul. Elétrica, Solange não perde tempo e um dia depois do festival já embarca para os EUA, em busca de parceiros para os planos.



Be a winner está na mostra *Imagens do futuro*

## Novidades na festa multimídia do vídeo

ROBERTO COMODO

**S**ÃO PAULO — O *videomaker* americano Bill Viola, um dos pioneiros da videoarte, e o inglês Julien Temple, autor de videocliques dos Sex Pistols e Rolling Stones, e do filme *Absolute beginners*, com David Bowie, estão entre os convidados do 9º Festival Internacional Videobrasil, que ocorre a partir de hoje e vai até o próximo domingo, dia 27, no Sesc-Pompéia, em São Paulo. O festival reúne 44 artistas nacionais e 32 estrangeiros num evento totalmente multimídia. Além de uma mostra competitiva do Hemisfério Sul, com 45 vídeos pré-selecionados, o 9º Videobrasil desdobra-se em mais três grandes programas — *Homenagens*, *Propostas do júri* e *Imagens do futuro* — incluindo ainda performances, debates, exposições e videoinstalações.

O inglês Julien Temple faz parte do júri da mostra competitiva do festival, que vai distribuir Cr\$ 50 milhões em prêmios, um estágio em Paris e o troféu Videobrasil aos competidores, selecionados entre mais de 300 inscritos. Junto com Temple estarão no júri o francês Jérôme Lefdup, o espanhol José Ramón Ornia e o australiano Peter Callas, que mostrarão também seus trabalhos ou escolhas no programa *Propostas do júri*. O *videomaker* americano Bill Viola participa das homenagens este ano do Videobrasil, ao lado do italiano Gianni Toti, do francês Jean-Paul Fargier e do brasileiro Moyses Baumstein.

Na mostra *Imagens do futuro*, promovida pelo Instituto Nacional Audiovisual da França, será apresentado um vasto painel internacional da criação de imagens geradas pelo computador, com 12 horas de programação. Ao todo, o 9º Videobrasil exibirá quase 50 horas de vídeos em todos os formatos e mídias, inclusive interativa, com o uso da realidade virtual. Há de tudo entre os 45 vídeos, 12 deles estrangeiros, que concorrem no festival. A maioria é de documentários (como *Parabolic people*, de Sandra Kogut) e videoartes, mas estão inscritos também ficções, animações, clipes musicais (*Fora de ordem*, com Caetano Veloso) e até uma videocharge, *Écu*, da produtora 3 Antena, sobre os últimos acontecimentos do país.

O 9º Videobrasil ainda continua numa exposição, *Impulsos eletrônicos*, de imagens feitas com computador criadas por 19 artistas brasileiros — entre eles, o titã Arnaldo Antunes em parceria com o poeta Augusto de Campos —; video-performances de Otávio Donasci e Fausto Fawcett, *workshop*, conferências, debates e seis grandes videoinstalações, como *Escalator*, da inglesa Tina Keane. Antes do seu encerramento, o festival lança o projeto *10 questões para 100 brasileiros que influenciaram outros 100 milhões*, que questiona o papel da televisão brasileira na "formação de um povo que lê pouco e vê muita TV", diz o *videomaker* Marcelo Machado, coordenador do projeto.

# Videobrasil prepara espectador do futuro

O festival mostra a realidade virtual com instalações que imitam desertos e vídeos que podem ser alterados

ANTONIO GONÇALVES FILHO  
Da Reportagem Local

**9º FESTIVAL INTERNACIONAL VIDEOBRASIL**  
Mostra com mais de 200 trabalhos em vídeo, animação gráfica, documentários, instalações, performances, experimentais de arte contemporânea e vídeo-objetos. A partir de hoje, no Sesc Pompéia.  
9º, Orla, 41, sala 201 (11) 508-2337 e 501-1041. Segunda, terça, quinta e sábado. Até o próximo domingo, dia 27 de setembro.



Cena do vídeo "Trinité", do francês Jean-Paul Fargier, um dos homenageados do 9º Festival Internacional Videobrasil

Durante esta semana o Sesc Fábica Pompéia se transforma numa longa galeria de imagens destinadas a preparar o olho do espectador do futuro. Não mais um mundo de luz e sombra, como no cinema, mas um mundo de cores e de realidade virtual espera os espectadores do 9º Festival Internacional Videobrasil até o dia 27. Nomes como Bill Viola, Peter Callas, Gianni Toti, Julien Temple e outros realizadores estarão mostrando mais de duas centenas de trabalhos de vídeo num festival orçado em US\$ 1,2 milhão (aproximadamente Cr\$ 7,5 bilhões) e que constrói até um cenário artificial do deserto de Death Valley (nos EUA) movido a imagens cibernéticas.

A instalação de brasileiro Eder Santos, "The Desert in My Mind" (O Deserto em Minha Mente), sintetiza como nenhuma outra a disposição dos organizadores do Videobrasil de discutir o impacto que esse mundo da realidade virtual já está provocando no espectador. Os órgãos do corpo trocam de função. O olho passa a "tatear" como as mãos, e o observador deixa de ser passivo, podendo interferir, ainda que parcialmente, na ordem desse mundo — como na instalação "Watch Yourself" (Olhe-se), de Timothy Binkley.

Teoricamente, o filósofo e matemático norte-americano pretende a interação entre vídeo e observador. Num mundo em que a diversidade importa tão pouco, é mais fácil a isso para o indivíduo "manipular" imagens computarizadas de um mundo virtual, incorporando-se a ele como um último reflexo para sua subjetividade. O "deserto" de Eder Santos, por exemplo, é alimentado

por um sistema de ar condicionado programado para variações de temperatura iguais às de Death Valley. Nesta gente vai morrer de sede com as imagens de vídeo projetadas na parede branca, um dos incômodos da "realidade virtual". Enfim, nem tudo é Disneylândia no mundo do vídeo.

Para falar a verdade, quase nada. Vai ser preciso vasculhar o fundo do baú para encontrar "diversão" entre os vídeos selecionados para os principais programas do festival, entre eles uma mostra competitiva com 45 produções selecionadas de países do hemisfério sul e outra, informativa, chamada "Imagens do Futuro", sobre realidade virtual e novas tecnologias. Muitos realizadores já sacudiram as profecias apocalípticas de João, tocando suas trombetas para anunciar o fim da história.

Há, claro, músicos descom-

promissados — para aceitar a festa da MTV — e arte gráfica por computador, além de vídeos de animação como "El Cordero" (no sábado, às 20h40), do argentino Pablo Rodriguez Jauregui, pode ser considerada tão divertida como uma festa na casa de Pina Bausch. O período, desolado, se apacisua pela imagem reproduzida de uma mulher de carne e osso. Ou seja, o mundo virtual passa a ser aquele fora do ecrã.

Por sorte o festival terá muita gente (real) ao vivo nos 1.500 metros quadrados da área de con-

vivência do Sesc Pompéia, fazendo conferências, performances e participando de debates. A organizadora do festival, Selma Fargas, 35, justifica a suspensão do Videobrasil no ano passado como um passo necessário para o grande salto em direção ao circuito internacional. "Estamos trazendo 63 convidados, entre eles todos os participantes da mostra competitiva. Era preciso ampliar e reformular o festival, trabalho que exigiu mais de um ano para ser feito", diz.

Foi criada a Associação Cultural Videobrasil, especialmente para a promoção desse festival, que

vai contribuir Cr\$ 50 milhões em prêmios e oferecer um estágio de uma semana na Ex-Machina de Paris para o melhor realizador de arte por computador, além de promover a montagem de seis vídeoinstalações — do "deserto" de Eder Santos ao mundo virtual de Timothy Binkley.

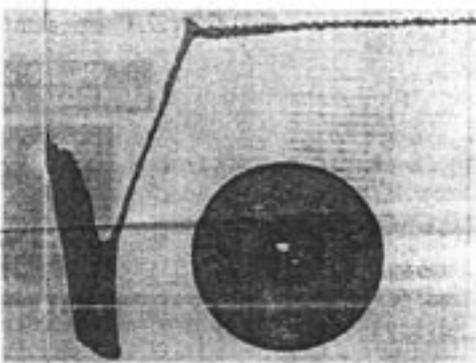
Como homenagens especiais, o Videobrasil organiza também retrospectivas com vídeos de Bill Viola, Gianni Toti, Jean-Paul Fargier e hologramas de Moisés Isaacstein. A inauguração de todos os que se dedicaram ou dedicaram a entrar o mundo de "crânios incandescentes" é a de um vídeo de Viola, "The Reflecting Pool", em que o salto de um bônus numa piscina é congelado, enquanto as águas permanecem em movimento, refletindo sombras. Últimos vestígios de um bônus real que passou, um dia, por um planeta virtual.



"Alphabyte City", dirigido pelo australiano Peter Callas



"Parabolic People", que está na mostra competitiva



Logotipo da mostra "Imagens do Futuro", no Videobrasil

**HOJE NO VIDEOBRASIL**  
Festival abre hoje às 21h com exibição de vídeos da Mostra Competitiva

**Mostra Competitiva do Hemisfério Sul**

21h —  
"Terra de Cordeiro", de José Henrique Ferreira e André Waidtman (Brasil, 4 minutos)  
"Mãe Gozô", de Guilherme Vazconcelos, Carlos Balla e Juliana Dantas (Brasil, 13 minutos)  
"Sopa", de Raquel Fuzinski (Brasil, 1 minuto)  
"Arte Gerada", de Diego Luciano (Argentina, 4 minutos)  
"Luz Coisa Nervosa", de Eder Santos (Brasil, 15 minutos)  
"Bata Caribé", de Roberto Franco (Brasil, 50 minutos)

**Mostra Proposta do Juri**

22h35 —  
**JOSE RAHON PEREZ ORMA. A ARTE DO VIDEO**  
"Epitáfio "Mostra Fantasia", de Nam June Paik e "En la Tierra de las Mujeres Ausentes", de Woody e Trina Yurika

**Festival está na tela da Cultura**  
Da Reportagem Local

O Videobrasil ganhou a adesão da TV Cultura, que passa a transmitir edições diárias do programa "Lanterna Mágica" com entrevistas aos participantes e exibição de vídeos de suas mostras competitivas, além da série "A Arte do Vídeo" e flashes nos programas "Jornal da Cultura - 60 Minutos" (12h00) e "Metrópolis" (23h40). Dirigida por José Raulo Perez Orma, "Arte do Vídeo" tem nove episódios e começa a ser exibida hoje, às 09h40.

**INDIFOLHA**

**9º VIDEOBRASIL TEVE MAIS INSCRIÇÕES**  
N.º de vídeos inscritos

395  
1992

269  
1990

50  
1981

Fonte: Organização do Festival

**CINCO GRANDES NOMES DO 9º FESTIVAL INTERNACIONAL VIDEOBRASIL**  
Saiba quem são os destaques internacionais que virão ao Festival este ano

**TIMOTHY BINKLEY**  
Diretor do Institute for Computer in the Arts de Nova York, o realizador norte-americano apresenta a instalação "Watch Yourself", um exemplo de arte interativa em que o espectador manipula sua própria imagem projetada por um computador e incorporada a imagens de história da arte na instalação Trabalho 14 cinco anos com vídeos inspirados.

**PETER CALLAS**  
Em seu vídeo "Neo-Goo An American Fanchise" (1989), o australiano narra um processo de "neocolonização" imperialista em que a mente de americano "resgata" é manipulada por atropos culturais. Seus métodos perdem a culpa e a erro ao se apegar dos desenhos animados, como acontece com Pat Donald e Zia Gebreia.

**JEAN-PAUL FARGIER**  
Crítico do vídeo "Cultura de Cordeiro" João Fargas é um dos grandes promotores de Gláuber Rocha na França. Originou o grupo Cavalcade Paris e qual realizou o filme "Quart de Ame la Vie, en la la Cordeiro" (Quando Alguém Assa a Vida, Vá ao Cinema). Seus vídeos seguem o caminho estético de Gláuber e Godard.

**GIANNI TOTI**  
Fez o vídeo em Roma, que se autodefiniu como "geométrico". Foi amigo de Pasolini e Moravia. Filósofo, participo da Resistência e habita, em 71, "Dau" e Des Scriti Sulle Vie de Demosio". Passado pelas modernidades russas, fez uma "videopoesia" sobre Diábolos poeta e adriático da "Tiguerri transmitta".

**BILL VIOLA**  
Nascido em Nova York, foi o grande destaque do 9º. Documenta de Casali. Sua instalação "The Art of Acorn" mostra a imagem de um homem se abrigando em caverna feita. Seu objetivo é alterar a percepção do espectador e desconstruir seu modelo de visão até a interação de sua memória com a reprodução emocional da realidade.

OSTRA

# Videobrasil começa hoje no Sesc Pompéia

O festival volta reformulado e apresenta, até o dia 27, mais de 200 trabalhos e 63 convidados. Em cena, a realidade virtual e uma prévia das imagens que o espectador vai consumir no futuro

Durante esta semana o Sesc Fábrica Pompéia se transforma numa usina geradora de imagens destinadas a preparar o olho do espectador do futuro. Um mundo de cores e de realidade virtual espera os espectadores do 9.º Festival Internacional Videobrasil até o dia 27. Nomos como Bill Viola, Peter Callas, Gianni Toti, Julien Temple (fela aburro) e outros realizadores estarão mostrando mais de duas centenas de trabalhos de vídeo num festival que ocorre em US\$ 1,2 milhão (aproximadamente Cr\$ 7,5 bilhões) e que construiu até um subterrâneo artificial do deserto de Death Valley (nos EUA) movido a imagens eletrônicas.

A instalação do brasileiro Eder Santos, "The Desert in My Mind" (O Deserto em Minha Mente), sintetiza como nenhuma outra a disposição dos organizadores do Videobrasil de discutir o impacto que esse mundo da realidade virtual já está provocando no espectador.

Por sorte o festival terá muita gente (real) ao vivo nos 8.600 metros quadrados da área de convivência do Sesc Pompéia, fazendo conferências, performances e participando de debates. A organizadora do festival, Solange Farkas, 35, justifica a suspensão do Videobrasil no ano passado como um passo necessário para o grande salto em direção ao circuito internacional. "Estamos trazendo 63 convidados, entre eles todos os participantes da mostra competitiva. Era preciso ampliar e reformular o festival, trabalho que exigiu mais de um ano para ser feito", diz.

**9.º FESTIVAL INTERNACIONAL VIDEOBRASIL**  
 Mostra com mais de 200 trabalhos em vídeo, animação gráfica, documentários, instalações, performances, exposições de arte computacional e conferências. A partir de hoje, no Sesc Fábrica Pompéia II - Chão, 92, nos 071.084.2324 e 011.955.8292, Pompéia, zona oeste de São Paulo. Até dia 27.

## HOJE NO VIDEOBRASIL

Festival abre hoje às 19h com exibição de vídeos do Mestre Competitivo

### Mostra Competitiva do Hemisfério Sul

- 2h - "Terra do Ordani", de José Henrique Fonseca e Andrew Waddington (Brasil, 6 minutos)
- "Mão Grossa", de Guilherme Nogueira, Carlos Bello e Juliana Denton (Brasil, 13 minutos)
- "Sopa", de Raquel Ravonni, (Brasil, 1 minuto)
- "Arde Gardel", de Diego Lozano (Argentina, 4 minutos)
- "Esta Coisa Nervosa", de Eder Santos (Brasil, 15 minutos)
- "Salla Coriba", de Belisário Franco (Brasil, 50 minutos)

### Mestre Proposta do Júri

22h35 - JOSÉ RAMÓN PÉREZ ORNIA - A ARTE DO VÍDEO

- Episódios "Mujeres Fantásticas", de Nam June Paik e "En la Tierra de las Mujeres Ascensionistas", de Woody e Steina Vasulka

AN FOLHA & VÍDEO



Julien Temple é um dos participantes do festival de vídeo que abre hoje no Sesc Pompéia

## TV Cultura vai exibir festival

O Videobrasil ganhou a sêde da TV Cultura, que passa a transmitir edições diárias do programa "Lanterna Mágica" com entrevistas dos participantes e exibição de vídeos da mostra competitiva.

A emissora também vai apresentar a série "A Arte do Vídeo" e flashes nos programas "Jornal da Cultura - 60 Minutos" (12h30) e "Metrópolis" (23h40). Dirigida por José Ramón Pérez Ornia, "Arte do Vídeo" tem nove episódios e começa a ser exibida hoje, às 00h40.

## CINCO GRANDES NOMES DO 9º FESTIVAL INTERNACIONAL VIDEOBRASIL



**TIMOTHY BINKLEY**  
 Diretor do Institute for Computer in the Arts de Nova York, o realizador norte-americano apresenta a instalação "Watch Yourself", um exemplo de arte interativa em que o espectador manipula sua própria imagem processada por um computador e incorporado o espaço do histórico do site ou envelope. Trabalha há cinco anos com vídeos interativos.



**PETER CALLAS**  
 Em seu vídeo "Neo-Geo An American Purdusa" (1989), o australiano retrata um processo de "ambicionização" hiperidêntico, em que o mestre do amor como "neo-geo" é manipulável por símbolos culturais. Seus híbridos ganham o corpo e entram no universo dos desenhos animados, contrastando com Peter Dinkoff e Zil Colmeira.



**JEAN-BILL FARGIER**  
 Crítico da revista "Cahiers du Cinéma" desde 1979, Fargier é um dos grandes promotores de Glauber Rocha no Brasil. Dirigiu o grupo Cinétopos, para o qual realizou o filme "Quando Alguns Amos e Vícios, Vai ao Cinema". Seus vídeos seguem a corrente crítica de Glauber e Godard.



**GIANNI TOTI**  
 Poeta nascido em Roma, que se autodenomina como "postônico". Foi amigo de Pasolini e Moravia. Militante, participou da Resistência e do PCI, em 73, "Shoah" e "Dei Sicari Sulla Via dei Domizi". Realizou pela primeira vez o vídeo, fez uma "videoperla" sobre El-Habibov poeta e teórico da "linguagem instrumental".



**BILL VIOLA**  
 Nascido em Nova York, foi o grande destaque do 9.º Festival de Vídeo de Kassel. Seu trabalho "The Arc of Ascent" mostra a imagem de um homem se afogando em câmera lenta. Seu objetivo é alterar o parâmetro do espectador e desorientar seu modelo de vídeo até a inserção de sua memória que é repertório emocional do realizador.

AN FOLHA & VÍDEO

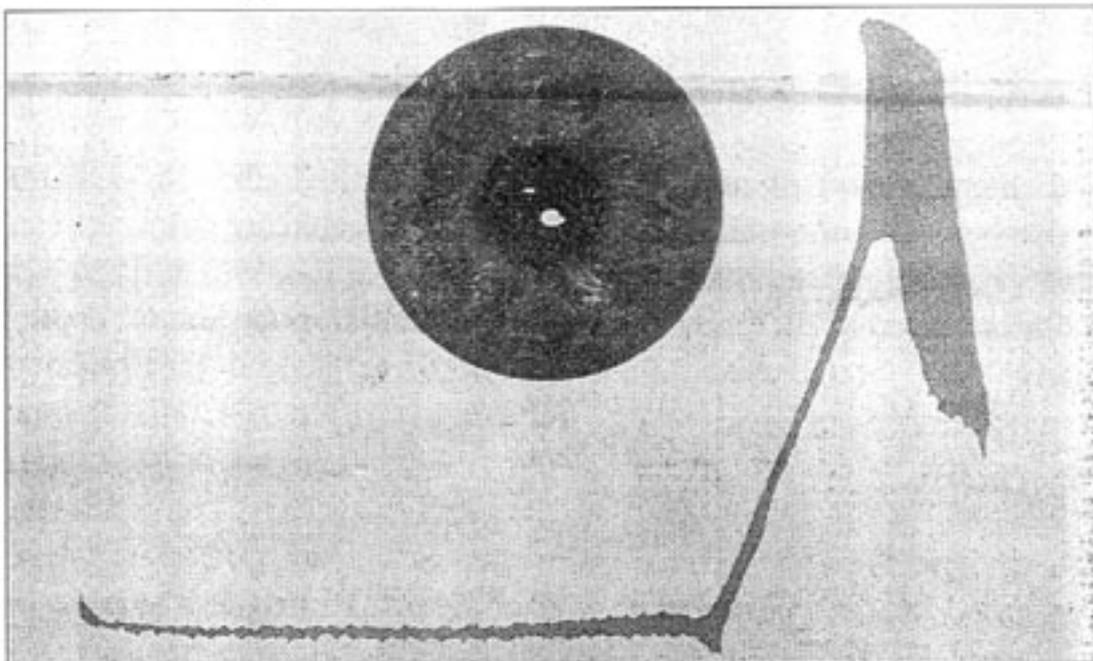
# Videobrasil tem plasticidade eletrônica

O 9º Festival Internacional Videobrasil traz, além da mostra competitiva, trabalhos com realidade virtual, videowall, instalações, videofone, hologramas e vídeocriaturas

Marcos Pissone

É um país que ainda pensa que vídeo é só um aparelho que existe e grava imagens. De hoje a domingo, videomakers "aterrados" mostram, em 8.000 metros quadrados no Sesc Pompéia, que vídeo pode ter vida. Serviu de escada. Ou teve o lugar das esculturas nos laços modernos. É o radicalismo eletrônico que toma de assalto o 9º Festival Internacional Videobrasil.

A mostra competitiva do Festival Videobrasil distribui R\$ 50 milhões e atrai viagens à Paris, disputadas por 45 selecionados de 32 países. Mas a competição virou espaço secundário diante do gigantismo que o festival adquire nesta nova edição. O tradicional Videobrasil virou festival, virou de tendências mundiais e um espetáculo de plasticidade eletrônica. O festival desse ano reúne 32 festivais internacionais, entre eles Bill Viola, Gianni Toti, Jean Paul Fagler e Julian Temple. Diretor do filme *Absolute Beginners* e diversos cliques musicais, Temple é a estrela do evento, como jurado e expositor. O filme físico do Videobrasil transcorde o espaço do Sesc Pompéia. Uma estação ambulante, a TV Anhembi, faz o festival a vários pontos da cidade, por meio de transmissão videowall. A TV Cultura programa uma programação especial. No município oficial do evento, chama-se Nidobojomow, o ator Carlos Moreno realiza entrevistas com palestrantes americanos por videofone. Lançado há menos de um mês nos EUA, esse aparelho de notório sucesso faz ligação direta entre as interlocuções sem suas imagens enquanto se comunicam. "A mídia é informante sobre o evento incorporando as últimas



Video participante da mostra francesa *Imagens do Futuro*, que traz trabalhos de computação gráfica e novas tecnologias visuais

Denis Garcia/Redevisual

tecnologias e estruturas da linguagem do vídeo", diz Marcelo Durán, diretor do programa e integrante do jurê.

O futuro do vídeo é tema de uma das duas grandes mostras do Videobrasil, a francesa *Imagens do Futuro*, que traz computação gráfica, novidades tecnológicas e até cenas do primeiro longa metragem do quadrênio a Machias, ainda em sua faseção. Além da recente literatura, a instalação *Watch Yourself*, do americano Timothy Hickey, faz um pequeno passeio pelos usos da realidade virtual. Com a ajuda de software de última geração, o visitante interage em qua-

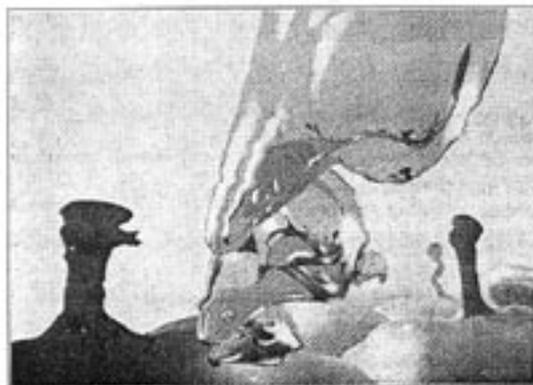


Imagem do vídeo *Endogenesis*, participante da mostra *Imagens do Futuro*



O baço das videocriaturas de *Óbvio Danoso*

### SERVÍCIO

9º Festival Internacional Videobrasil Local Sesc Pompéia (R. Cláudio, 91) 263-32773 Programação de hoje: abertura, às 19h, performance de *Óbvio*

Doméstica, às 20h, *Intercâmbio do Videogoroso*, às 21h e mostra dos trabalhos de *José Ramon Perez Cruz*, às 22h35

dos de artistas consagrados, podendo levar pan com um pedaço da grama com sua pose incluída. Em poucos anos, tudo *slapping* com as setas ou um *backdrop* de vidro.

A programação eletrônica inicia oficialmente com a performance de *Santa Clara Polaregata*, de *Óbvio Danoso*, hoje às 20 horas. Santa Clara Polaregata, de *Franço Frazant*, dá sequência, na quinta, ao mesmo entre vídeo e carne.

Despacha entre as três grandes instalações do festival, o trabalho do mineiro Eder Santos, *The Desert in my Mind*, projeto imagético do Vale do Monte sobre um cenário noturno, enquanto a empresa ambienta reproduz as breves mutações do clima desértico. Outra estrutura gigante: a instalação *Escalator*, da inglesa Tina Kauri, traz uma escada formada por 22 monitores, que exibem o movimento de escadas rolantes (10 *áreas* videowall, hologramas, exposição de transparentes feitos por computador e ensaios debates, conferências e workshops, *Solange Farias*, diretora da Associação Culto no Videobrasil, diz que o evento é a mais importante mostra de vídeo do hemisfério sul. "Traz os trabalhos de circuito off de vídeo, que só são vistos em breves, manuseio e exposições específicas", conta. "É o festival que eu sempre quis fazer."

# Videofone é atração em mostra e TV

*A novidade recém-lançada nos EUA está no Videojornal, programa jornalístico comandado por Carlos Moreno, que participa do Videobrasil e será transmitido pela Cultura*

**C**arlos Moreno, o garoto Bom Bel, detaxa de lado subões e detergentes para entrevistar Laurie Anderson ou o cyberpunk Steven Ley. As conversas, sobre videarte, não serão transmitidas nos horários nobres das casas de televisão mas por meio de uma novidade tecnológica, o videofone. Lançado há menos de um mês nos Estados Unidos, esse aparelho telefônico que permite aos interlocutores ver a imagem um do outro, em cores, é um dos recursos utilizados pelo Videojornal para veicular sua programação — uma das atrações do 9º Festival Internacional Videobrasil, que começa amanhã, no Sesc Pompéia.

Veículo noticioso do Videobrasil, o Videojornal também estará sendo transmitido pela TV Cultura — diariamente, até domingo, às 23h30. "A ideia é fornecer informações sobre o evento de uma forma jornalística, mas incorporando os aspectos tecnológicos e conceituais da linguagem do vídeo", diz Marcelo Dantas, diretor do programa e um dos membros do júri do Festival, que neste ano está se consolidando como o mais importante da América do Sul. No Videojornal



Carlos Moreno, o garoto Bom Bel, entrevista Laurie Anderson no Videojornal de quarta-feira

de hoje, Carlos Moreno estará entrevistando a americana Dura Birbaun, uma pioneira cujos trabalhos são considerados clássicos da videarte. No Sesc Pompéia, onde o videofone está instalado, o programa será transmitido ao vivo, às 21 horas.

Com duração de 10 minutos, o Videojornal também terá um programa de depoimentos, chamado *Quase Nada é Verdade*. "O tema é a manipulação de informações em vídeo e TV e contará com a participação de nomes-chaves na produção documental brasileira, como Marcelo Tas, Amarel Neto, Eduardo Coutinho e João Moreira Salles", explica Marcelo Dantas. Outra sessão do Videojornal chama-se 10 questões para 100 brasileiros que influenciam outros 100 milhões. Montado a partir de um formulário distribuído a personalidades ligadas à mídia e à política (de Pelé, Jô Soares e Roberto Marinho a Xuxa e o Presidente Fernando Collor, que não respondeu), o programa apresenta respostas a perguntas como "Em que a programação infantil veiculada hoje, colabora no processo de educação das crianças?".

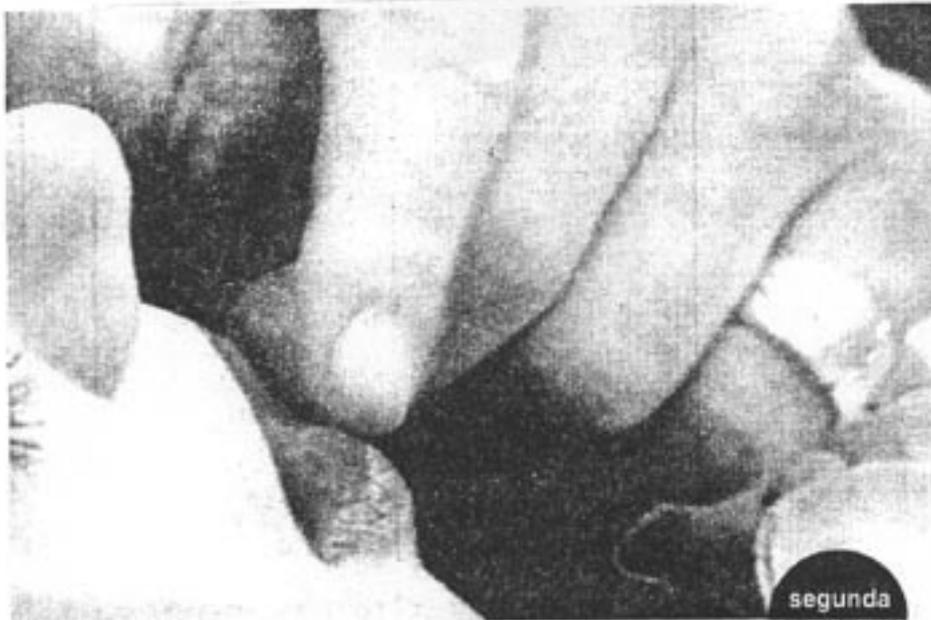
Na programação oficial, o 9º Festival Internacional

Videobrasil conta com 32 convidados internacionais, entre eles o norte-americano Bill Viola, que no próximo domingo filiará sobre suas videoinstalações e o francês Jérôme Lédup, que fará um workshop sobre computação gráfica na terça, quarta e quinta-feira. Nesse ano distribuindo Cr\$ 50 milhões em prêmios, além de um estúdio em Paris, para os autores dos 45 vídeos que participam da competição, o Videobrasil também apresentará performances de Otávio Donacil (*Videomaska*, que será mostrada hoje, às 20 horas) e Santa Clara Polsergeis, de Fausto Fawcett (quarta-feira, às 23h30, com 13 pessoas em cena e um sofisticado cenário de vídeo e TV). Outro setor que promete atrair o público será o de instalações de videarte onde se reproduzirá, por exemplo, as condições extremas de temperatura do deserto, de 10 a 45 graus centígrados.

## SERVIÇO

**Videobrasil abertura**  
hoje, 23h, com performance  
de Otávio Donacil e

**Videojornal: Sesc**  
Pompéia (R. Clélia, 53)  
864-3374. Até domingo



segunda

0h12

## CULTURA MOSTRA FESTIVAL VIDEOBRASIL

A Cultura abre espaço durante toda a semana para o 9º Festival Internacional Videobrasil, que começa amanhã no Sesc Pompéia. O festival será assunto diário do programa "Lanterna Mágica", que dará um panorama da mostra e exibirá oito minutos por edição do noticiário "Videojornal", produção do evento. No horário seguinte, serão exibidos episódios da série espanhola "A Arte do Vídeo".

**LANTERNA MÁGICA ESPECIAL** Na Cultura. De segunda a quinta à 0h10. Sexta à 23h40. Sábado às 23h30. "A Arte do Vídeo", de segunda a sexta, e domingo, à 0h40. Sábado à 0h.

Correio da Bahia. Salvador, 11/07/1992.

## Vídeo Brasil divulga lista de selecionados

A organização do IX Festival Internacional Vídeo Brasil, que acontece de 21 a 27 de setembro, no Sesc Fábrica da Pompéia — São Paulo, divulgou os vídeos selecionados para participar da Mostra Competitiva do Hemisfério Sul. "O critério principal de seleção foi o da experimentação da linguagem em todos os gêneros — do documentário ao vídeo-clip. Alguns vídeos com qualidade, mas sem ousadia, não foram escolhidos. Em sua edição, o festival pretende ser um laboratório de novas idéias televisuais", segundo Solange Oliveira Farkas, diretora do festival. Dos 305 trabalhos inscritos, 45 foram selecionados, sendo 38 em U-Matic e 7 em VHS.

Nenhum representante da Bahia vai participar do festival. Dentre as produções brasileiras selecionadas a maior parte é do eixo Rio-São Paulo, com um ou outro participante de Minas Gerais. Participarão do Vídeo Brasil

trabalhos da Argentina, Uruguai, Moçambique, entre outras nações. Também na lista estão alguns nomes conhecidos do grande público, como o Titã Arnaldo Antunes, que classificou o seu Poemas.

Dois anos sem o Festival Internacional Vídeo Brasil (ex-Fotóptica Internacional Video Festival) fizeram com que o número de inscrições na Mostra Competitiva do Hemisfério Sul superasse as expectativas: 305, sendo 60% nacionais e 40% internacionais.

"Fiquei surpresa com a quantidade de vídeos inscritos, mesmo neste momento de crise. Foi como se não houvesse condições adversas", explica Solange Oliveira Farkas.

Num primeiro balanço sobre os inscritos destaca-se a qualidade técnica dos vídeos, realizados com os melhores equipamentos do mercado.

# SP reúne o melhor do vídeo mundial

O festival Videobrasil, que vai de 21 a 27 no Sesc Pompéia, virou bienal internacional, deixa o amadorismo de lado e passa a se concentrar no vídeo como forma de arte

Wlmar Ladawan

Quem entra na sala de programação do Videobrasil, no Sesc Pompéia, logo vê o quadro com a relação de pessoas que serão buscadas no aeroporto. Lá estão relacionados desde o inglês Julian Temple (membro do duo) a Leônia, videomaker de Moçambique. São 34 realizadores internacionais, 28 países e 16 de outros países que participam do 9º Festival Internacional Videobrasil. O festival toma conta do Sesc Pompéia, de 21 a 27, e chega cheio de novidades, não se restringindo ao vídeo estrito e buscando sua plasticidade. "O Videobrasil deixa de ser apenas uma coleção de vídeos mais maduros e assume o caráter de bienal", diz Solange Farias, a diretora da Associação Cultural Videobrasil.

Desde a 7ª edição, Solange pensou em dar uma nova direção ao festival e direcioná-lo ao vídeo como forma de arte, ligado às artes plásticas e à escultura. Assim, permitindo o diálogo mundial de festivais de vídeo, ela buscou o impulso de artistas e instituições internacionais para firmar o Videobrasil como a mais importante mostra de vídeo do hemisfério sul. "Travou trabalhos do que eu chamo circuito off de vídeo, obras que só são vistas em biennais, mostras e exposições esporádicas", conta.

São videoinstalações espalhadas pela sala de luz do Sesc, pela chapeleta e pelo hall do teatro trazem as sessões do setor e prometem se transformar nos centros do festival. A instalação Wauli Yassouf, do americano Timothy Binkley, usa as cores técnicas da realidade virtual para levar seu visitante a imagens, brincar e penetrar no universo de locais da pintura que ele escolheu. O mineiro Eder Santos levou O Deserto na Minha Mão, com imagens do Vale-da-Moore projetadas em rochas e cenários. Sua videoinstalação em sala sonora de Paulinho, do grupo Uiel e do guitarrista americano Stephen Vlado e reproduz as temperaturas do deserto, com variações de 10 a 40 graus. A Triação de Justus, do vídeomaker espanhol Luis Nicolau, utiliza sete telas de 20" e imagens projetadas em um lago. O objetivo é que essas instalações se transformem na essência do Videobrasil", afirma Solange.

A Mostra competitiva reúne 43 vídeos, selecionados entre os 504 inscritos, e tem nove horas de gravações. O jurê reúne nomes do vídeo: Julian Temple, Marcelo Dantas (Brasil), José Ramón Pérez Cerda (Espanha), Peter Colla (Suécia) e Jerome Lefebvre (França) e vai distribuir R\$ 50 milhões entre os três primeiros colocados.

Além da Mostra competitiva, a estrutura básica do Videobrasil abriga três importantes programas paralelos: Homotopia, Imagens do Futuro e Proposta do Juri. Homotopia faz uma retrospectiva da obra de quatro dos maiores videomakers mundiais: o americano Bill Viola, o italiano Gianni Totò, o francês Jean-Paul Gauthier e o brasileiro Moyses Iturza. Imagens do Futuro mostra as novas tecnologias e atua em parceria da computação interativa.



Proposta do Juri tem como objetivo promover o progresso legal do Videobrasil e incentivar a criação de novos trabalhos, que sempre receberam da premiação. Assim, os membros do júri, terão seus trabalhos exibidos. Do espanhol Ramón Pérez, será apresentado El Ave del Video, a experimento experimental com 14 horas de duração, produzido pela TV espanhola, e que

conta a história da video arte mundial. De Julian Temple, serão de filmes como Absolute Beginners e Videoclips que o tornaram famoso.

Agradado para o abertura do Videobrasil, a performance Videoverdades, de Otávio Donaceni, tem a duração de 15 minutos. Mostra a história de amor entre duas músicas e uma bailarina linda e nua, com o auxílio de

com vídeo no Brasil", afirma Solange. Ela diz que um festival desse porte não poderia ser realizado com menos de US\$ 1,5 milhões. Mas graças aos patrocinadores, apoio, permissão e locais com empresas privadas, a planilha de custos do Videobrasil ficou em torno de US\$ 800 mil. "Este é o festival que eu sempre quis fazer", comemora Solange Farias.

## SERVIÇO

9º Festival Internacional Videobrasil — Além de sessões de projeções de vídeos, instalações, palestras, workshops, conferências e mesas redondas. De 21 a 27, das 19h às 23h30, com entrada livre, no Sesc Pompéia (R. Cláudio, 93).

A performance Videoverdades, de Otávio Donaceni (foto maior), abre o Videobrasil. El Gordito Fabiano, à esquerda, trabalha do espanhol Pablo Rodriguez Saugui é um dos concorrentes de mostra competitiva. Luis Dantas Colla integra a mostra Imagens do Futuro

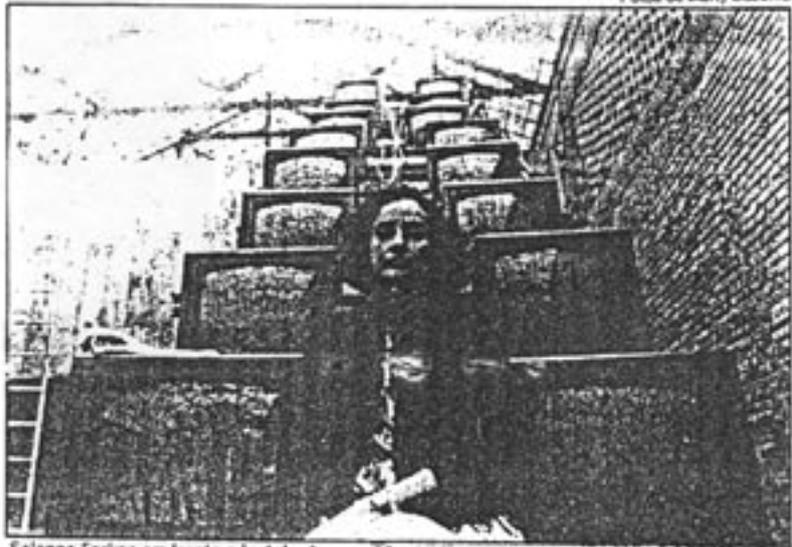
projetos e instalações. Fausto Ferveré participa com a performance Santa Clara Poltergeist. Impulsos Interônicos, exposição de transcrições digitais feitas em computadores por 19 artistas brasileiros de diversas áreas, entre trabalhos astrais, Paulo Basso e Gato Lucas, entre outros. A programação do Videobrasil tem workshops, conferências e mesas redondas. "A ideia não é só mostrar os trabalhos ao público, mas proporcionar um momento de diálogo para as pessoas que trabalham

## IX Videobrasil abre segunda no SESC Pompéia

O SESC Pompéia sediará, de 21 a 27 de setembro, o IX Videobrasil. Será uma semana de exposições de artistas brasileiros e internacionais, mostras e outras atividades com temas relacionados ao vídeo. O evento ocupará a Área de Convivência, a Choperia e o Teatro e consumiu cerca de US\$ 1,2 milhão na sua montagem, segundo a organização.

A diretora do Videobrasil, Solange Farkas, diz que esta edição do evento marca uma nova fase em sua história. "Pela primeira vez ele é internacionalizado. Além disso, o lugar da característica de ser apenas uma mostra de vídeo", explica a diretora. Buscando maior abrangência de atrações e público, o Videobrasil optou por mudar de sede neste ano, deixando o Museu de Imagem e Som pelo espaço mais amplo e frequência diversificada do SESC Pompéia.

Ali estarão montadas sete instalações mesclando vídeo com animação e computação gráfica e até técnicas de cinema. Apenas uma delas, a simulação do deserto Death Valle, da Califórnia, Estados Unidos, teve uma produção de US\$ 100 mil. Trata-se de uma passagem com



Solange Farkas em frente a instalação com 22 televisores da artista inglesa Tina Kane

piso de areia e paredes que parecem rochas, onde são projetadas imagens do Death Valle através de oito videoprojetores. A simulação está presente até na temperatura ambiente, que varia de quatro a 50 graus centígrados, mostrando o que é o dia e a noite no deserto.

### Exposições e mostras

O Auditório e o Teatro do SESC abrigarão mostras como a "Imagens do Futuro", que engloba computação gráfica, publicidade e homenagens a artistas da área, e a competitiva, na qual concorrem trabalhos de oito países. Ainda no Teatro,

serão realizadas performances e a apresentação do Videojornal, que também será veiculado na TV Cultura, às 23h, durante os dias de atividade da Videobrasil.

### AGENDA

*IX Videobrasil: exposições, mostras e instalações com temas relacionados a vídeo. Abertura dia 21, às 20h, com a performance de Otávio Donaschi e apresentação do Videojornal, às 21h. Toda a programação é gratuita e realizada de 21 a 27 de setembro, das 10 às 24h. Rua Clélia, 93, Pompéia, telefone 864-8544.*

# Julien Temple explora o 'poder profético' do rap em novo musical

Diretor virá ao Brasil em setembro com 25 de seus videoclips para participar do Videobrasil



Cenas de videoclips dirigidos pelo cineasta inglês Julien Temple, autor do filme "Absolute Beginners", de 1986; à direita, o clip da música "Day In, Day Out", de David Bowie; à esquerda, acima, close da cantora Janet Jackson em "When I Think of You" e, abaixo, cena da versão feita por Sid Vicious do clássico "My Way", que o diretor considera um de seus melhores trabalhos

**ANA MARIA BAHIANA**

Especial para a Folha, de Los Angeles

Há três anos afastado do cinema —exatamente os três anos em que se mudou para Los Angeles para, inicialmente, se concentrar em sua carreira cinematográfica— o diretor Julien Temple, 37, prepara-se para ir ao Brasil levando consigo um rolê de 25 de seus videoclips, como parte do Festival Internacional Videobrasil, que acontecerá de 21 a 27 de setembro no Sesc Pompéia, em São Paulo. A opção pelo clip, como ele explicou em entrevista à Folha, não é tanto fruto de uma escolha, mas da que Temple descreve como "a mentalidade tacanha e antiquada" dos estúdios.

Enquanto luta com o que chama de "violento conflito de gerações" entre sua visão e a dos executivos de Hollywood, Temple —que atuou a direção do filme "Absolute Beginners", de 88— se prepara para editar os clips das bandas Motown Flowers e Del Améric, e dos rappers Jimmy Jam

e Terry Lewis. Os projetos de cinema não estão de todo abandonados: Temple está na reta final de pré-produção do musical rap "Native Tongue", sobre uma Nova York futurista onde altas muralhas separam a miséria estonteante das condições miseráveis. "Sempre acho que o rap era a forma musical do futuro, a que falava mais diretamente das condições sociais e políticas da América, e eu farei dos últimos anos, principalmente as invasões de Los Angeles, as lutas por confirmar o poder político do rap", diz Temple.

Julien Temple falou à Folha na sede de sua produtora Nitrate Films, em Hollywood.

**Folha - O que te fez aceitar o convite para participar do Videobrasil?**

Julien Temple - Eu adoro o Brasil. Por isso, qualquer desculpa que eu tenha para voltar é válida. Mas eu é só o lado pessoal —profissionalmente, me

interessa participar de um evento que discuta a evolução e o impacto do videoclip. Particpei da produção do videoclip desde os primeiros. Portanto, acho que meu trabalho é significativo, um pouco, da evolução desse meio. É claro que o que estou levando é uma seleção de meus trabalhos, através da qual pretendo mostrar a evolução da linguagem.

**Folha - O que te faz gostar tanto do Brasil?**

Temple - Estive no Brasil duas vezes, sempre trabalhando: uma em 78, com os Sex Pistols e, mais tarde, com Mick Jagger. Acho que o Brasil é um país ainda em formação, onde não se sabe exatamente o que vai acontecer quando este processo terminar —o que torna tudo ainda mais interessante. Além disso, é um país de misturas extraordinárias, misturas raciais, culturais.

**Folha - Você disse que não importaria discutir a evolução do videoclip. Por quê?**

Temple - Muitas pessoas consi-

deram discutir videoclip algo fútil e superficial. Eu acho que não: o videoclip é uma forma intensamente visual, que tem pouco a ver com o processo normal da narrativa. Seu aparecimento provocou uma ruptura radical no modo como apreciamos as artes visuais. O videoclip reeduca a maneira de ver de toda uma geração.

**Folha - Como você vê a evolução do videoclip?**

Temple - Basicamente, vejo o mesmo processo se repetindo, e esse é o risco do meio —que ele seja tudo em termos de idéias. Se você olha para os clips que foram feitos ao longo desses anos, vê que, frequentemente, o que acontece é uma citação visual daquilo que estava na moda no momento, sem conexão alguma. É muito raro encontrar um clip que expresse o momento histórico em que foi feito, as idéias de seu diretor ou, mais importante ainda, as idéias do artista em questão. Meu estúdio tem sido sempre no

sentido de eliminar esse abismo entre forma e conteúdo —sempre tentei fazer algo visualmente interessante que dissesse algo, e não só adotar o modismo da época.

**Folha - Que videoclips, na sua opinião, conseguiram isso?**

Temple - Tenho muita dificuldade em julgar o trabalho de outros pessoas suas, entre os que eu fiz, gosto particularmente de "This Nose's For You", com Neil Young, que ganhou o prêmio da MTV em 85. Acho que ele fala claramente a respeito da mídia e do modo como as notícias se tornam parte da paisagem cotidiana —como as pirâmides do Egito antigo, essas campanhas publicitárias maciças têm como objetivo impressionar e aterrorizar e bem como, e é sobre isso que o clip fala. Também gosto de "My Way", com Sid Vicious. Esta criação sempre teve uma carga negativa de um tipo de individualismo e egomania quase religiosa —e a versão de Sid subverteu tudo isso.

**Folha - Você tem estado mais ativo em vídeo do que em filmes. Por quê?**

Temple - Eu ainda quero fazer filmes, me interessa sobretudo desenvolver roteiros para cinema. Fazer filmes em si não é difícil. Difícil, na indústria cinematográfica de hoje, é fazer os filmes de que eu realmente gosto e aos quais eu realmente acredito. Tem havido uma divergência profunda entre minha maneira de pensar e a mentalidade dos estúdios.

**Folha - O que te interessa mais, continuar sua carreira como diretor de clips ou como cineasta?**

Temple - Num mundo ideal, eu queria continuar fazendo os dois. Amo a descontração e o espírito de improvisação do clip, mas também adoro a força e o poder do cinema. O vídeo é uma maravilhosa espionagem imagem numa pessoa. Um filme é a capacidade de criar um outro mundo e levar esta pessoa para lá. Gosto das duas propostas.

# Almodóvar e Viola trazem imagens do mundo ao país

Diretores são as atrações do movimentado circuito de festivais do semestre

AMIR LABAKI  
Do equipe de reportagem

A produção audiovisual continua à míngua, mas o consenso promete ser dos melhores neste semestre. A partir de agosto e até novembro, seis grandes eventos internacionais e um nacional movimentam os cineófilos e paga-vidos. A lista conta com convidados entre os reis do videoclipe Jalmi Temple ao mago bergamano Max Von Sydow; de Pedro Almodóvar ("Ata-ur") e seu jovem discípulo cubano Julio César Cruzata, do veterano Manoel de Oliveira ("A Divina Comédia") ao quase adolescente Hal Hartley ("Confiança"); do mestre da videofante Bill Viola à ultra-experimental cinema alemã Dore O.

Este interessante caleidoscópio de imagens começa a ser movimentado já no mês que vem pelo 20º Festival de Cinema de Gramado, neste ano apostando na integração ibero-americana. A paratona da produção brasileira de longa-metragem for Gramado-92 buscar filmes além-fronteiras. Apenas dois ou três filmes nacionais disputarão os títulos com outros oito ou nove ibero-americanos. "Perfume de Gardênia", de Guilherme de Almeida Prado é o único confirmado. Destes os concorrentes internacionais, até aqui os únicos dignos de nota são "De Salto Alto", de Pedro Almodóvar, e "Hello, Henningway", do cubano Carlos Arguñan.

A crise ainda não varreu a primaverza das curtas, mas atrações seu vão. A nova safra de 43 curtas brasileiros, já prometidos para o 3º Festival Internacional de MMS, existe, no geral, a conquista de um novo patamar técnico e a necessidade de um novo salto estético. Destacam-se este ano a primeira dedicada à principal cinema experimental alemã, Dore O. (início de agosto), o panorama do curta americano (mostra "Film Crash"), os primeiros filmes de cineastas do porte de Kubrick, Polanski e Fassbinder e a retrospectiva do do-



Maria Paredes abraça Victoria Abril em cena de "De Salto Alto", de Pedro Almodóvar, atração do Festival de Gramado

camerário curto brasileiro.

14 a Mostra Banco Nacional confirma-se como a grande vitrine carioca dos festivais internacionais. De Cannes-92 virão o vencedor "As Melhores Intenções", de Bill August, "Simple Men", de Hal Hartley, "Leolo", de Jean-Claude Lauzon, a cópia restaurada do "Othello" segundo Deson Welles e o "thriller cult" "C'est Arrive Pres de Chez Vous". Certo também está o melhor filme de Berlim-92, "Doce Eterna, Cara Bobe", que valeu um Urso de Prata (Prêmio Especial de Juri) para o húngaro István Szabó ("Méphisto").

De casa nova (Sesc Pompéia), o 9º Videobrasil traz uma programação internacional de peso e uma competição restrita aos países do hemisfério sul, com destaque para os concorrentes nacionais. As quatro grande retrospectivas

homenageiam o obrigatório Bill Viola, o ultraterreno Gianni Toù, o reflexivo Jean-Paul Fargier e o brasileiro Moisés Baarstein (mostra póstuma). As atrações certas da mostra competitiva são João Moreira Salles ("Dois Poemas"), Eder Santos ("Festa Coisa Nervosa"), e Sandra Kogut (com o irregular "Parabolic People"). No juri, cada qual trazendo uma mostra própria, estarão Julien Temple ("Absolute Beginners"), José Ramos Paes Orma, Jerome Landau, Peter Callas e Marcelo Dias.

Organizado pelo Instituto Goethe, em São Paulo, "Cinema e Identidade" pretende iluminar a evolução recente das cinemas alemão, brasileiro e do finado alemão-oriental a partir do contraste entre os filmes que melhor discutiram a questão da identidade nacional. Cerca de 50 filmes sub-

stituirão uma maratona de debates com Peter Buchta, Wolfram Schutte, Carlos Diegues e Ricardo Coutinho, entre outros.

Quase simultaneamente (8 a 14 de outubro), o 25º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro pretende apresentar a nova safra de longa-metragens nacionais. Espera-se que os novos filmes de Carlos Reichensbach ("Alma Coradista, Alma Gêmea"), Sérgio Bianchi ("Causa Social") e Paulo Thiago ("Vagas para Moças de Fino Traje") figurem prontos a tempo. Mas confirmadas mesmo são a abertura homenageando Humberto Mauro ("Livros Sem Beijos") e a mostra com todos os vencedores do festival até hoje.

A tradicional mostra internacional de São Paulo chega a sua 16ª edição "recomendando outra vez do ano", segundo o organizador Leon Calouf. "De concreto, a

TVA vai co-patrocinar (de novo", diz, lembrando ainda o apoio a definir da secretaria do Estado da Cultura e uma articulação visando criar também uma lei de apoio municipal. "Mas em menos 50% do programa já está fechado", adianta Calouf. Destacam-se as retrospectivas de Hal Hartley ("Confiança", prêmio de público em 91) e Alejandro Agresti, com a presença de ambos, "O Retorno de Casanova", de Edouard Niermann com Alain Delon, "Dia de Desespero", de Manoel de Oliveira, e dois documentários de George Hickenlooper: "Picture This - The Times of Peter Bogdanovich in Archer City, Texas" — sobre as filmagens de "A Última Sessão de Cinema" (1971)— e "Hearts of Darkness", impressionante reconstrução das filmagens de "Apocalypse Now" (1980), de Francis Ford Coppola.

## O QUE VOCÊ PODEVER E OUVIR NO SEGUNDO SEMESTRE

Confira os destaques das mostras e festivais de cinema e vídeo

### 3.º Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo

Data e local: 20 a 30 de agosto, no Museu da Imagem e do Som (MIS-SP)

Destaques: exposição fotográfica da alemã Dore O; curtas vencedoras em Clermont-Ferrand, Oberhausen, tempo e "No Budget" de Hamburgo; curtas de Fassbinder, Polanski e outros

Quem vem: Dore O e Hans Joachim Schlegel (Alemanha), Michael Ross (Channel Four - Grã-Bretanha), Juan Carlos Cremata (Cuba)

### 4.ª Mostra Banco Nacional de Cinema

Data e local: 3 a 17 de setembro, no circuito Estação Botafogo (RJ)

Destaques: "Sunday's Children", de Daniel Bergman, "C'est Arrive Pres de Chez Vous", de Romy Bejaux, André Borred, Berndt Postlebronde (primeira da crítica em Cannes-92), "Leolo", de Jean-Claude Lauzon, cópia nova de "O Processo" (1963), de Orson Welles

Quem vem: Max von Sydow, Isabelle Huppert

### 16.ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo

Data e local: 15 a 31 de outubro, no MASP e circuito a definir (SP)

Destaques: retrospectivas Hal Hartley, "Confiança" e Alejandro Agresti; "O Retorno de Casanova" de Edouard Niermann; "O Lado Escuro do Coração" de Elio Sclafani; "Mediterrâneo" de Gabriele Salvatores (Oscar-92 de filme estrangeiro)

Quem vem: Alejandro Agresti, Hal Hartley, Manoel de Oliveira

### 9.º Festival Internacional Videobrasil

Data e local: 31 a 37 de setembro, no Sesc Pompéia (SP)

Destaques: retrospectivas de Bill Viola, Gianni Toù, Jean-Paul Fargier e Moisés Baarstein (póstuma); videoclipes e filmes de Julien Temple; mostra "Imagens do Futuro", dedicada a "computer art"

Quem vem: Bill Viola, Gianni Toù, Jean-Paul Fargier, Jean-Marie Duhard

### 25.º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro

Data e local: 8 a 14 de outubro, no Cine Brasília (Brasília, DF)

Destaques: mostra competitiva com a nova safra de longas e curtas brasileiros; abertura homenageando o cineasta moicano Humberto Mauro (1897-1982) com a projeção de "Livros Sem Beijos" (1936); retrospectiva com todos os vencedores do festival

### 20.º Festival de Cinema Ibero-Americano de Gramado - Cinema

Data e local: 15 a 22 de agosto, no Palácio do Festival (Gramado - RS)

Destaques: "De Salto Alto" de Pedro Almodóvar (Espanha), e "Perfume de Gardênia", de Guilherme de Almeida Prado (Brasil); competição nacional de curta, 35 min e de filmes em 16 mm; homenagem a Anselmo Duarte pelos 30 anos da Palma de Ouro em Cannes por "O Piquete de Prometeu"

Quem vem: Pedro e Augustin Almodóvar

### "Cinema e Identidade - História do Cinema Alemão e Brasileiro em Comparação"

Data e local: 23 de setembro a 14 de outubro, no Instituto Goethe (MS) e Sala Cinematográfica (São Paulo)

Destaques: 40 filmes alemães e brasileiros, sobre a questão da identidade nacional; seminário sobre "Cinema e Identidade", com crítica e cineasta dos dois países

Quem vem: Peter Buchta, Wolfram Schutte, Okazu Bulgakova, Carlos Diegues, Eduardo Coutinho

## PETIT COMITÉ

Está cada vez mais difícil conseguir uma boquinha nos famosos jantares de Lily de Carvalho, conhecida como uma das melhores anfitriãs do Rio de Janeiro. Depois que os banquetes deixaram de ocorrer em seu espaçoso apartamento da Avenida Atlântica, em favor do lar do empresário e companheiro Roberto Marinho, no Cosme Velho, mudou também o número de convidados: os anteriores setenta eleitos hoje se restringem a cerca de vinte, distribuídos em duas ou três mesas de oito pessoas. Permanecem inalterados, entretanto, os toques de classe que fizeram a fama de dona Lily: as porcelanas de Limoges, os cristais de Baccarat, as toalhas de linho branco bordadas, as flores frescas e o menu assinado pelo *chef* Laurent Saudeau. Dona Lily continua fazendo questão de dar o toque final em cada mesa e não se esquece de marcar cada lugar com o nome do coarctado. Não mudou, também, sua marca registrada: o hábito de não economizar nas francesas borbulhas do champagne Cristal.

## POR TRÁS DO CLIQUE

Desembarca no Brasil no dia 20 a superfotógrafa Annie Leibowitz para onze dias de cliques de Ivo Pitanguy, Tomie Ohtake, Paulo Autran e Milton Nascimento, na campanha publicitária nacional da American Express. Como só pensa em trabalhar, a rigorosa Annie — que chega a gastar cinquenta filmes para fazer um



ALISE INCIOR-GARIBOLDI

de seus *portraits*, cotados em 75 000 dólares cada um — está recusando jantares e passeios pelo Pantanal. O *portrait* de Pitanguy é o único que será mostrado em outros países, além do Brasil. No ano passado, o primeiro ilustre associado da Amex, Jorge Amado, foi clicado por J.R. Duran. O fotógrafo



ALISE INCIOR-GARIBOLDI

Laurie e Godard: sim

## ESTRELAS ELETRÔNICAS

Revista e ampliada neste ano, com a injeção das verbas da Lei Mendonça (o equivalente paulista da falecida Lei Sarney), a nona edição do Festival VideoBrasil contará

chegou a ser cogitado para a autoria da nova série de fotos, mas pediu apenas 10% a menos que Annie, além de fazer as mesmas exigências técnicas. A Amex não achou que a diferença valesse a pena. Duran, por sinal, mudou de agente.

## ECO STARS

Os 48 chefes de Estado e os 28 primeiros-ministros que já confirmaram sua presença na Eco-92 estão deixando tontos os organizadores do evento, com exigências para *pop star* nenhum botar defeito. A mais antipática delas vem da delegação americana: apesar de ter titubeado em assinalar sua presença, o cerimonial do presidente americano, George Bush, exigiu o fornecimento diário de toalhas de banho brancas

com duas estrelas de primeira grandeza: o cineasta e videomaker Jean-Luc Godard, entre os membros do júri, e a multimídia Laurie Anderson, na performance de abertura. A presença da musa vanguardista já está praticamente fechada, apesar do cachê de 150 000 dólares que a doce Laurie pediu e a direção do festival achou salgado demais. Para que Godard venha, porém, ainda é necessário orar: como membro do júri, teria de ficar em São Paulo durante toda a semana de 21 a 27 de setembro. Isso causa problemas de agenda, que o mestre está tentando solucionar.

e não apenas limpas mas esterilizadas. Motivo: teme-se a contaminação presidencial por um vibrião do cólera. Também preocupada com seu bem-estar fisiológico, a delegação do Kuwait quer ver membros de sua própria segurança na cozinha do hotel Sheraton, onde ficará hospedada, já que os xiques, entre eles Al Sabah, temem um possível envenenamento. Se os chineses não querem o dalai-lama na Eco-92, o dalai-lama não quer o público, que não deverá ser admitido em suas aparições, já que o líder espiritual dos tibetanos teme um atentado. Outra fonte de dor de cabeça para os organizadores vem sendo a monstruosa comitiva do Paquistão — que, de última hora, pediu nada menos que 25 quartos do hotel para

# Viola participa de Festival no Brasil

Todos os trabalhos do videomaker Bill Viola estarão em retrospectiva no VideoBrasil em setembro

**BERNARDO CARVALHO**  
De Nova York

Todo o trabalho em vídeo de Bill Viola — que virá a São Paulo em setembro para participar do VideoBrasil — consiste em dissolver os limites entre natureza e cultura. Viola diz que o próprio videocassete é feito de materiais retirados da terra. Algumas de suas obras mais conhecidas, como "Room for St. John of the Cross" (1983) e "I Do Not Know What It Is I Am Like" (1986), tentam o impossível: deixar entrever a essência na base de todas as coisas.

Viola consegue chegar o mais próximo dessa essência através da tecnologia, fazendo do vídeo um poderoso elemento da natureza. Em "Passage" (1987), por exemplo, ele distorce — através da supercâmera lenta, numa tela enorme e dentro de um espaço estígio ao fundo de um corredor estreito — o tempo em que se desenrola a festa de aniversário de uma criança de dois anos até alterar a própria consciência que o espectador tem desse tempo.

**Folha** - Como você explicaria o que é a consciência a uma criança ou a um ser extraterrestre?

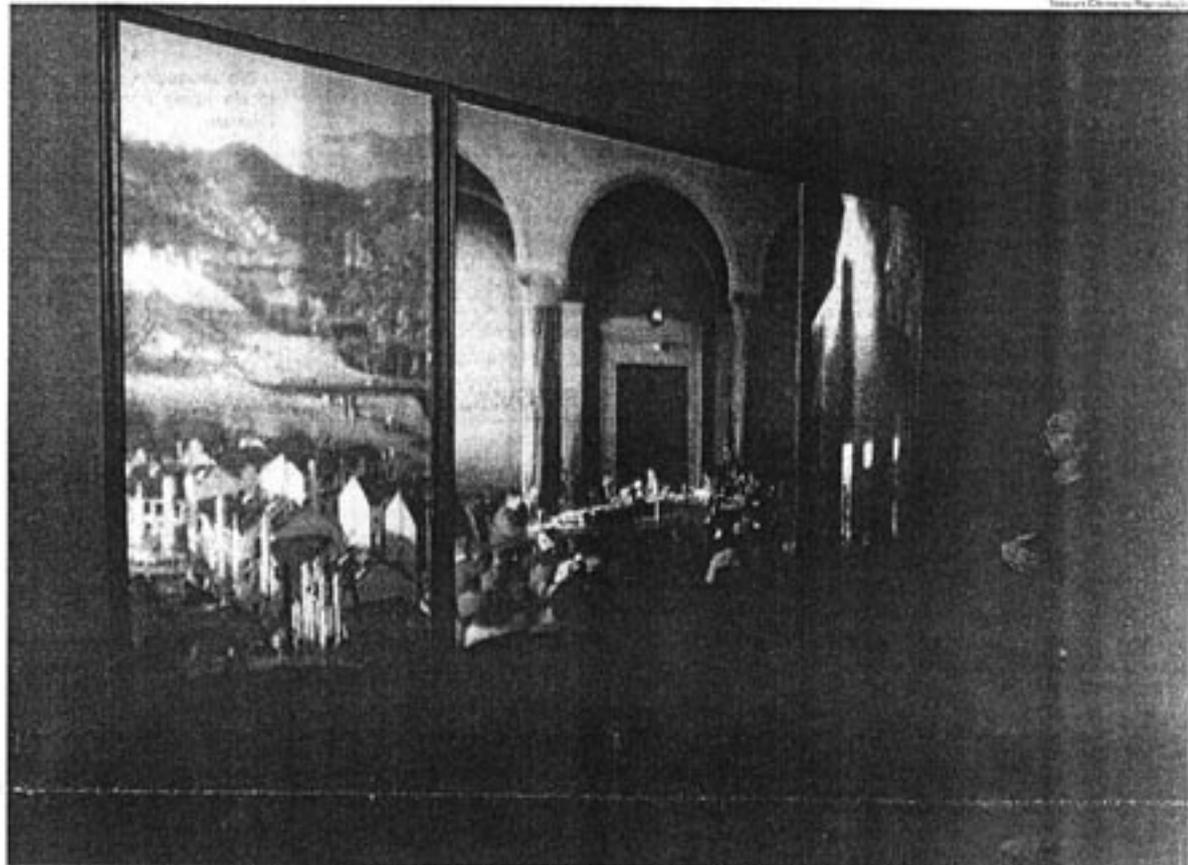
**Bill Viola** - São as crianças que podem explicar o que é consciência para nós. Elas estão imersas na consciência no sentido mais amplo. Quando você vê uma criança pequena descobrindo o mundo, a natureza das coisas é totalmente pura. Todos os treinamentos espirituais orientais e ocidentais, incluindo a igreja católica em suas origens, estão baseados metafóricamente em voltar à mente da criança, essa abertura absoluta para as coisas. A consciência é a experiência no sentido mais amplo.

**Folha** - É o que você tenta produzir com os seus vídeos?

**Viola** - O vídeo é uma experiência física, mais até que o cinema. A experiência de assistir é uma experiência que tem um efeito direto nos corpos das pessoas. Historicamente, a maioria das disciplinas espirituais, sobretudo as orientais com seus sistemas de meditação, são baseadas em treinar o corpo para que se possa superar a mente. O vídeo pode ser um instrumento poderoso para tocar as pessoas diretamente, na percepção, em áreas que a cultura ocidental não leva em conta como um caminho para o conhecimento. Desde a Idade Média, esse caminho na cultura ocidental é feito através do intelecto e não do corpo. O corpo foi negligenciado.

**Folha** - O que você acha que a mitologia pode trazer para o seu trabalho?

**Viola** - A lição mais imediata é que, através da experiência dos mitos, você está aprendendo a ver e pensar metafóricamente. A maioria dos mitos são histórias que parecem acontecer num cenário natural. Envolvem pessoas, árvores, montanhas etc. Mas a diferença em relação a um texto



O videomaker Bill Viola junto de enormes telas com imagens em vídeo da instalação "The City of Man", de 1989

jornalístico é que o mito está falando do mundo invisível. Uma pessoa que olhar para o meu trabalho com essa perspectiva vai tirar muito mais que uma outra que só está vendo a superfície das imagens.

**Folha** - Que ligação pode haver entre uma experiência de êxtase, como a de São João da Cruz, e a tecnologia moderna?

**Viola** - Você pode considerar a cela em que a Inquisição trancou São João por nove meses como um tipo de tecnologia negativa. Mas ele conseguiu transformar essa tortura numa experiência positiva e visionária. As tecnologias são de fato sistemas físicos artificiais que criam determinados processos usando seres humanos. Você não pode pensar em tecnologia sem as pessoas. Pode ser interessante a idéia de míssis guiados por computador mas é preciso entender que eles vão matar alguém. Todas as coisas físicas que nos cercam têm efeitos sobre nós. O vídeo pode provocar efeitos que estamos perdendo no nosso dia-a-dia.

**Folha** - Qual é o objetivo de manipular o tempo, em "Passage" por exemplo?

**Viola** - O tempo não é um material absoluto; é subjetivo, relativo e elástico. Desde a invenção do relógio, temos a impressão de que o tempo é uma entidade fixa. Mas os movimentos da terra e do sol não são regulares. No Egito

antigo, eles já usavam a divisão do dia em 12 períodos, só que mais curtos no inverno e mais longos no verão. Era um tipo elástico de tempo. A idéia de horas fixas ao longo do dia é muito abstrata quando comparada à natureza. Em trabalhos como "Passage", o tempo se torna esse material ao qual você pode dar forma e modificar. A verdadeira natureza do meu trabalho é escultórica. O que eu estou esculpindo é o tempo e, por extensão, o tempo interno do espectador.

**Folha** - Qual é o papel dos animais nos seus vídeos?

**Viola** - Não faço distinções entre seres vivos e matéria não-viva. Posso pensar em árvores e pedras, rios, flores e tuvens como possuindo uma essência que os conecta aos seres humanos. A única diferença é de frequência. Os seres humanos operam numa frequência mais alta. São capazes de movimentos mais rápidos e de ter consciência de si mesmos. É difícil pensar nisso, mas você tem que lembrar que o videocassete também vem da terra. Todos os materiais usados para se fabricar o videocassete vêm do solo. Os animais, sobretudo numa era em que muitos estão em extinção, representam a ligação-chave entre nós mesmos e a terra. Quando quebramos a conexão com a terra estamos eliminando ao mesmo tempo os seres vivos que dependem dessa conexão. Os animais são o sinal do perigo. Quando nós os vemos morrer, sabemos que seremos os próximos.

## O videomaker atravessa desertos

De Nova York

Bill Viola, 40, viaja sem parar à procura de paisagens. "Até hoje toda a idéia que eu tive tinha um lugar na Terra onde podia ser melhor realizada. Parte do trabalho é procurar o lugar certo para dar vida à idéia. Se você encontra o lugar certo e o conecta com a idéia certa, acaba conseguindo algo muito poderoso", diz.

Apesar de achar a paisagem "extraordinária", o artista ainda não tem a idéia certa para realizar um projeto no Brasil. "Talvez no futuro. Mas certamente não nesta viagem". Viola está ocupado atualmente com um grande projeto para a Documenta de Kassel: uma tela de sete metros de altura com a imagem de um corpo humano caindo no espaço. "Ele cai em supercâmera lenta e, finalmente, após um tempo muito longo, acaba aterrissando na água e desaparecendo sob a superfície", diz.

De todas as paisagens, Viola tem uma atração especial pelos desertos (escobou morar lá muito longe de um, no sul da Califórnia, e seu vídeo de 1979, "Chert el-Djerid (A Portrait in Light and Heat)", foi

gravado no Saara, utilizando os efeitos da luz e do calor na formação das imagens, das nuvens). Sua idéia do deserto é religiosa, no sentido de uma paisagem que possibilita a ligação entre todas as coisas, entre o ser humano e a natureza. "Uma paisagem que contém elementos-chave do desenvolvimento espiritual interior".

"A natureza da percepção humana é de ligação. Os antigos filósofos gregos acreditavam que os olhos emitiam raios que atingiam os objetos. Embora os cientistas não acreditem mais nisso, eu continuo acreditando que os olhos emitem os raios da consciência, do sentido, que envolvem o objeto. Num deserto os elementos são reduzidos ao mínimo. Você se torna insignificante e uma parte de você sai pelos seus olhos, seus ouvidos, do seu corpo, para se encontrar com esse vasto espaço aberto. Você se conecta em expansão. No deserto, você tem experiências muito profundas. Basta tomar o exemplo de todos os que, antes e depois de Cristo, viveram o deserto como um instrumento de revelação", diz.